

**O Mercadinho do Botânico**  
**Um olhar antropológico**  
**sobre a agroecologia e a agricultura familiar**

**Fernando Manuel Antunes Amaral**

**Trabalho de Projeto de Mestrado em Antropologia**  
**Especialização em Culturas Visuais**

*Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública*

**Setembro, 2022**



Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia, área de especialização em Culturas Visuais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Isabel Afonso, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

*Para o meu filhote Ari Amaral, que este trabalho ajude a criar um aqui e agora com Luz,  
que essa Luz ilumine o futuro agora e aqui.*

*“Ouça um bom conselho  
Que eu lhe dou de graça  
Inútil dormir que a dor não passa  
Espere sentado  
Ou você se cansa  
Está provado, quem espera nunca alcança”  
“Bom Conselho” Chico Buarque*

*“Navegar é preciso, viver não é preciso”  
Francesco Petrarca, usada depois por Fernando Pessoa*

*“A revolution on a world scale will take a very long time. But it is also possible to recognize that it is already starting to happen. The easiest way to get our minds around it is to stop thinking about revolution as a thing — “the” revolution, the great cataclysmic break—and instead ask “what is revolutionary action?” We could then suggest: revolutionary action is any collective action which rejects, and therefore confronts, some form of power or domination and in doing so, reconstitutes social relations—even within the collectivity—in that light. Revolutionary action does not necessarily have to aim to topple governments. Attempts to create autonomous communities in the face of power (using Castoriadis’ definition here: ones that constitute themselves, collectively make their own rules or principles of operation, and continually reexamine them), would, for instance, be almost by definition revolutionary acts. And history shows us that the continual accumulation of such acts can change (almost) everything.”*  
— David Graeber, [Fragments of an Anarchist Anthropology](#)

## **Resumo**

A problemática da agroecologia, da autonomia alimentar e da agricultura familiar constituiu um campo de pesquisa antropológica, cuja emergência permite a construção de conhecimento sobre os movimentos sociais, que têm surgido com novas formas de luta contra o impacto de políticas económicas capitalistas neoliberais, os modelos industriais de extração massiva de recursos escassos e da destruição da natureza.

Com efeito, esta etnografia de micro-escala, realizada num horizonte temporal de curta duração, pretende destacar o papel dos atores locais nos processos de criação de plataformas alternativas de ação, como associações e redes de proximidade e de regeneração da paisagem e do território.

O caso do Mercadinho do Botânico / Mercadinho Biológico de Coimbra, é bem um exemplo destas transformações pelo que constitui o micro-sistema sobre o qual incide o estudo de caso que deu origem ao documentário/ filme etnográfico, o qual foi realizado tendo por base científica a Antropologia Visual. Deste modo, foi possível relevar todo um quadro que apela à experiência dos sentidos, às sensibilidades culturais em presença, à motivação dos atores sociais para optarem por formas de vida alternativas e para criarem grupos de pertença, redes e sentido de comunidade.

**Palavras Chave:** Antropologia Visual, Culturas Visuais, Agroecologia, Agricultura Familiar, Autonomia Alimentar

## **Abstract**

The problem of agroecology, food autonomy and family farming constituted a field of anthropological research, whose emergence allows the construction of knowledge about social movements, which have emerged with new ways of fighting against the impact of neoliberal capitalist economic policies, the massive extraction of scarce resources and the destruction of nature.

In fact, this micro-scale ethnography, carried out in a short time horizon, intends to highlight the role of local actors in the processes of creating alternative platforms of action, such as associations and networks of proximity and regeneration of the landscape and the territory.

The case of Mercadinho do Botânico / Mercadinho Biológico de Coimbra, is a good example of these transformations, as it constitutes the micro-system on which the case study that gave rise to the documentary / ethnographic film, which was made based on scientific Visual Anthropology. In this way, it was possible to reveal a whole framework that appeals to the experience of the senses, to the cultural sensitivities in presence, to the motivation of social actors to opt for alternative ways of life and to create groups of belonging, networks and a sense of community.

**Key words** -Visual Anthropology, Visual Cultures, Agroecology, Family Agriculture, Food Autonomy

## Agradecimentos

O presente Relatório de Projeto é o resultado de um processo de construção de uma realidade na qual colaboraram pessoas e associações sem as quais não seria possível a sua concretização. A todas agradeço profundamente sem uma ordem específica de importância, pois todas as pessoas e fatores com quem me tenho cruzado, nesta minha linha temporal de existência, são alimento para a minha forma de estar na vida e intelecto.

Este trabalho somente foi possível devido a dois fatores importantíssimos: alguém acreditou nas minhas capacidades de pessoa que intervém no teatro da vida em sociedade de uma forma ativa, informada e criativa, com espírito crítico e inconformado. A minha mãe Marina que é, foi e será sempre a grande inspiradora nos caminhos da Antropologia e dos meus percursos académicos, que me ensina a pensar e a escrever de forma científica, com estrutura e uma biblioteca de autores de referência de Antropologia sempre à mão.

A orientadora deste trabalho de Projeto, a Professora Doutora Ana Isabel Afonso, grande responsável pela minha volta ao mundo académico, pois não só é pessoa conhecedora da minha dedicação à produção de vídeos de intervenção sócio-ecológica, como soube ver e compreender a importância de complementar os meus conhecimentos com o Mestrado em Antropologia das Culturas Visuais. Assim, alertou-me atempadamente para a existência deste pelo que procedi à minha inscrição. De facto, tinha toda a razão pelo manancial de conhecimentos e competências que já adquiri em resultado das aulas teóricas e do trabalho empírico realizado para a produção do documentário etnográfico que se apresenta.

Agradeço a todos os professores do Mestrado pela oportunidade que me facultaram de ter acesso a interessantes aulas e a uma bibliografia desafiante para a abertura de novos horizontes de conhecimento.

À minha companheira e filhote, São e Ari, pela paciência e compreensão nos dias e noites em que eu necessitava de mais concentração para escrever e editar o vídeo, bem como pelo apoio a rever o texto e carinhos que ajudam a não desmobilizar.

Ao meu pai, António Amaral, por servir de exemplo do potencial do mundo do associativismo, por ser o meu guia no mundo do foto-jornalismo, pela escola política e histórica com que me corrige algumas ideias e por estar orgulhoso por me ver motivado para a conclusão de um mestrado nesta área científica, sabendo que tem impactos no mundo real, que é parte de

uma luta por um mundo melhor, ensinamento de base que me deu desde pequenino.

À Carmen Staats, co-fundadora do Mercadinho do Botânico, fonte imensa de conhecimentos e de energia contagiante sobre o desenvolvimento da Agroecologia na Região de Coimbra; manifestou toda a sua disponibilidade para me apoiar na abertura do terreno para a realização do trabalho empírico, deixando-se filmar a si e à sua quinta biológica, sem quaisquer impedimentos, sabendo da importância do estudo e divulgação de tudo o que tem a ver com a agricultura familiar; foi pródiga a explicar que esta é, hoje em dia, um dos elementos mais importantes para a necessária regeneração eco-social do interior de Portugal.

À D. Preciosa por nos receber de forma tão acolhedora na sua casa e nos mostrar o quintal e jardim aonde nascem as suas ervas aromáticas, e pela transmissão do conhecimento enciclopédico destas.

À Céu e Bernardino por estarem sempre disponíveis para que eu os pudesse acompanhar no campo e por me explicarem, de forma tão acessível, como desenvolvem a agricultura familiar e, claro, pelos cabazes sempre frescos de legumes, de uma qualidade excelente, que semanalmente entregam em casa e que a saúde do meu filhote agradece para sempre.

A todas as associações que me ajudaram a dar visibilidade às suas lutas ao apoiarem-me na produção de documentário (Regenerarte, Algarve; Juntos pelo Sudoeste, Odemira; Juntos pelo Barroso/ Minas não- Montalegre/Boticas).

Finalmente, mas não menos importante à Bá, a cadela que nos adotou, ao Ginjas e à Gigi Mont-Blanc, os gatos residentes, pelos momentos de aquecimento dos pés e colo, que ajudaram a dissipar stress e ao mesmo tempo a distrair-me ao longo das horas em que estava demasiado concentrado no estudo e produção do trabalho.

## Sumário

Introdução	pág. 10
<b>I - Do clássico trabalho de campo às tendências da Antropologia contemporânea,</b> Breve revisão da literatura	pág. 20
<b>II - A Antropologia Visual: em busca da teoria essencial para a realização</b> do documentário	pág. 26
<b>III - Aproximação aos conceitos da Agroecologia, Agricultura Biológica</b> e Agricultura Familiar	pág. 35
<b>IV - A gênese do Mercadinho do Botânico</b>	pág. 47
<b>V - O contexto e o campo de possibilidades: o vídeo como artefacto cultural;</b> <i>O modus operandi da produção do documentário</i>	pág. 49
<b>VI - Análise aos objetivos da pesquisa</b>	pág. 59
<b>VII - Notas Finais</b>	pág. 61
<b>Bibliografia</b>	pág. 65
<b>Anexos</b>	pág. 69

## Introdução

No âmbito da UC Laboratório de Projeto em Antropologia, o Trabalho de Projeto da “Componente Não Letiva” (CNL), do Mestrado em Antropologia Visual, que se apresenta na forma de Relatório de Projeto, procura relevar a importância da Antropologia, no âmbito das Culturas Visuais, para a construção e divulgação do conhecimento sobre os processos, estratégias, dinâmicas e saberes dos atores locais no contexto da agroecologia e da agricultura familiar.

O objeto de estudo consiste no questionamento dos conceitos de antropologia visual, culturas visuais e experiência dos sentidos, agroecologia, agricultura familiar, autonomia alimentar e regeneração da paisagem, a partir de narrativas dos atores sociais envolvidos nos processos.

O uso da imagem tem aqui um papel relevante na objetivação da realidade captada pela câmara a qual, como num jogo de espelhos, propicia uma reflexão construída pelos atores em presença, isto é, produtores / vendedores e consumidores.

De facto, existem dimensões da realidade atual que apontam para problemas ambientais e sociais que se têm agravado, a saber: a falta de políticas adequadas; estado ecológico em ruína; métodos de produção alimentar agrotóxicos e intensivos; padrão de cadeia de distribuição dos alimentos; mão-de-obra barata, exploração laboral e tráfico humano; contaminação da agricultura biológica pelas grandes indústrias, desertificação.

Simultaneamente surgem respostas como a agricultura de proximidade, redes de sociabilidade e de entreajuda, a criação de associações, cooperativas e mercadinhos de agricultura biológica, ausência de intermediários os quais distorcem o preço justo.

A divulgação destas realidades, através de objetos fílmicos como o filme etnográfico e o documentário, serve para dar visibilidade à ação destes atores na regeneração necessária do território e, conseqüentemente, da paisagem do País.

Link para o documentário produzido na âmbito deste mestrado nos anexos.<sup>1</sup>

---

1 Na última página deste relatório está um código QR com este link. Pode ser lido por um smartphone

## **Objetivos da pesquisa**

### **Objetivo principal:**

Realizar um documentário etnográfico, baseado nos fundamentos da Antropologia Visual, que permita uma análise e reflexão sobre os mecanismos de funcionamento dos micro-sistemas agroecológicos, de agricultura familiar, que se enquadram nos movimentos de ativismo pela soberania alimentar e contra a degradação ambiental e social.

### **Objetivos específicos:**

1- Produzir um vídeo documental, utilizando a gramática da Antropologia Visual, a partir do estudo de caso do Mercadinho do Botânico/ Mercadinho Biológico de Coimbra e destacar o papel dos atores locais nos processos, estratégias, dinâmicas e práticas de agricultura familiar.

2- Conhecer o potencial e o impacto das dinâmicas de autonomia alimentar na mudança de paradigma de modelos de produção e de consumo baseados na agroecologia dos produtores do Mercadinho do Botânico/Mercadinho Biológico de Coimbra.

3 - Indagar se existem modelos de regeneração e de transformação da paisagem e território a partir da experiência agroecológica.

## **Metodologia**

Para a concretização dos objetivos propostos foi utilizado o método etnográfico, recorrendo às ferramentas da Antropologia Visual.

A operacionalização foi realizada através do estudo de caso do “Mercadinho do Botânico”, Mercado Biológico de Coimbra. Para o efeito foi feito um registo audiovisual de todo o processo de produção, distribuição, venda e consumo dos produtos alimentares.

As técnicas utilizadas foram a observação participante acompanhada de conversas informais com produtores/consumidores, registadas no diário de campo, as quais foram a base

para as entrevistas não-estruturadas realizadas com registo audiovisual.

A observação das práticas dos produtores/ vendedores, desde a horta até ao mercado, foi fundamental para avaliar em que medida existe, nestes atores, uma consciência de ativismo alimentar e do seu contributo para a regeneração da paisagem.

Todo o processo de construção desta realidade foi registado em fotografia e vídeo, captado através de narrativas visuais, sem um guião rígido, apenas sujeito à tal *serendipity* e aos imponderáveis da vida real; desta forma, os atores locais protagonizaram o *modus vivendi* de uma forma mais genuína, como nos revela Goffman através dos “quadros de interação” e da “performance”, na obra, *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, (1993) e *Os Momentos e os seus Homens* (1999).

Os nomes próprios dos informantes são usados com consentimento dos próprios. Ao perguntar se o podia fazer, deram a autorização, pois como eu entendem que é importante serem referenciados como não só agricultores, mas como ativistas e promotores da agricultura familiar.

## Fragmentos de uma trajetória

### Justificação da temática a partir da experiência de vida

A problemática da agroecologia, da autonomia alimentar e da agricultura familiar constituiu um campo de pesquisa antropológica cuja emergência permite a elaboração de conexões com os problemas decorrentes do impacto de políticas económicas capitalistas neoliberais, dos modelos industriais extrativistas, das lutas populares locais contra a destruição da natureza e o abuso de recursos escassos, como a água.

No caso de Portugal, e de acordo com o meu próprio conhecimento da realidade, as regiões com maiores impactos negativos e com maior participação popular nas lutas contra estes modelos, encontram-se no Algarve, Alentejo, e em Boticas (Covas do Barroso) [<sup>2</sup>]; nestes locais foi possível produzir vídeo ativismo sobre os movimentos sociais e os problemas que estão no cerne da ação.

O produto dos diversos vídeos produzidos e sobretudo o impacto nos atores locais que neles participaram, cimentaram a base de inspiração para o trabalho final do mestrado, na convicção de que dele poderá resultar um contributo interessante para uma reflexão sobre novas arenas, que propiciem a aplicação de metodologias etnográficas no âmbito da Antropologia Visual.

Subjacente a esta perspetiva estão fortes motivações pessoais, decorrentes de uma necessidade de realizar algo transformador, num compromisso com a sociedade, através da produção de documentários baseados nos conhecimentos e ensinamentos da Antropologia, também esta comprometida com os movimentos globais-locais de resistência e numa prática da etnografia militante <sup>3</sup>].

Desde 2018 e tendo como pano de fundo da ação a luta dos movimentos ecologistas, para mim a presença no terreno a registar em vídeo o processo de formação dos grupos na ótica do ANT (Actor Network Theory) (Latour, 2005) e dos quadros de interação local (Cordeiro, 1997) que propiciam a criação de um sentido de comunidade, transformou-se num apelo e num objetivo pessoal de contribuir para uma reflexão no campo da Antropologia Visual.

---

<sup>2</sup> ver anexo 1

<sup>3</sup> Juris, Jeffrey S. (2007) Practicing Militant Ethnography with the Movement for Global Resistance in Barcelona. Constituent Imagination: Militant Investigations, Collective Theorization (pp.164-176)

Então, Latour, na sua obra “How to Deploy Controversies About the Social World”, capítulo primeiro, levanta várias questões, entre elas a questão da construção social da realidade, do conhecimento científico, da produção de conhecimento. Levanta o facto da diversidade de pontos de vista- os autores interpretam os acontecimentos de uma perspectiva, mas os acontecimentos são sempre um processo em continua construção feitos de incerteza, fragilidade, controversos e laços em permanente mudança. Esta questão central influencia a forma como desenhamos a metodologia de abordagem dos grupos e do social. Consequentemente o autor coloca a questão se nos devemos focar no nível micro de interações ou considerar mais relevante o macro.

Latour explica que antes de nos transformarmos em cientista social, temos que decidir quais os ingredientes que já existem na sociedade. O cientista tem que estar informado de que as pessoas constroem fronteiras acerca de outras pessoas, grupos.

Os cientistas sociais na escolha das suas ferramentas e teorias confrontam-se com uma primeira fonte de incerteza: *“The first source of uncertainty one should learn from is that there is no relevant group that can be said to make up social aggregates, no established component that can be used as an incontrovertible starting point. Many a sociological enquiry has begun by setting upon—or several—type of groupings, before apologizing profusely for this somewhat arbitrary limitation made necessary, it is often argued, by the ‘obligation to limit one’s scope’ or ‘by the right of a scientist to define one’s object’. [...] If someone pointed out to me that words like ‘group’, ‘grouping’, and ‘actor’ are meaningless, I would answer: ‘Quite right.’ The word ‘group’ is so empty that it sets neither the size nor the content. It could be applied to a planet as well as to an individual; to Microsoft as well as to my family; to plants as well as to baboons. This is exactly why I have chosen it.”* [Latour: 29]

O autor diz que os cientistas sociais correm o risco de confundir as duas meta-linguagens, a sua e a do actor ao produzir termos sofisticados, precisos, bem escolhidos acerca das palavras do actor, que tem por sua vez também uma meta-linguagem elaborada e reflexiva. Latour, referindo-se ao ANT (Actor-Network-Theory) afirma: *“ANT prefers to use what could be called an infra-language, which remains strictly meaningless except for allowing displacement from one frame of reference to the next. In my experience, this is a better way for the vocabulary of the actors to be heard loud and clear—and I am not especially worried if it is the social scientists’ jargon that is being downplayed.”*[Latour: 30]

Acerca das pistas deixadas pela formação dos grupos, Latour afirma que a ANT *“doesn’t claim that we will ever know if society is ‘really’ made of small individual calculative agents or of huge macro-actors;*

*nor does it claim that since anything goes one can pick a favorite candidate at whim. On the contrary, it draws the relativist, that is, the scientific conclusion that those controversies provide the analyst with an essential resource to render the social connections traceable.” [Latour: 30]*

Neste contexto, aparentemente é mais fácil para um sociólogo se focar no grupo do que mapear as controvérsias acerca da formação do grupo. Mas é exatamente o contrário e até por razões empíricas- a formação do grupo deixa muito mais pistas no seu surgimento, do que quando já está formado.

Sobre esta questão o autor sintetiza em quatro questões esta matéria:

A primeira questão consiste em:

*“to delineate a group, no matter if it has to be created from scratch or simply refreshed, you have to have spokespersons which ‘speak for’ the group existence. [...] all need some people defining who they are, what they should be, what they have been. These are constantly at work, justifying the group’s existence, invoking rules and precedents and, as we shall see, measuring up one definition against all the others. Groups are not silent things, but rather the provisional product of a constant uproar made by the millions of contradictory voices about what is a group and who pertains to what.”[Latour:31]*

Na segunda questão Latour debruça-se sobre a importância de fronteiras nas construção da identidade do grupo:

*“It is always by comparison with other competing ties that any tie is emphasized. So for every group to be defined, a list of anti-groups is set up as well. This is quite convenient for observers because it means that actors are always engaged in the business of mapping the ‘social context’ in which they are placed, thus offering the analyst a full-blooded theory of what sort of sociology they should be treated with. This is why it is so important not to define in advance what sort of social aggregates could provide the context for all these maps. Group delineation is not only one of the occupations of social scientists, but also the very constant task of the actors themselves. Actors do the sociology for the sociologists and sociologists learn from the actors what makes up their set of associations.” [Latour:32]*

No entanto, para alguns cientistas sociais os actores não vêem a totalidade, são apenas informantes, enquanto o cientista tem uma visão holística acerca da formação do grupo. Mas Latour critica esta ideia de que os actores são meros informantes, que têm uma visão restrita, não reflexiva sobre o contexto nos quais estão inseridos.

Da minha motivação:

Um evento profundamente traumático resultante da perda de casa e de todo o património pessoal acumulado durante décadas, como consequência do incêndio devastador que causou uma forte experiência existencial e determinou a mudança das minhas prioridades, fez renascer um apelo para reiniciar uma trajetória de adesão e de envolvimento nas lutas de ativistas pela defesa dos recursos naturais do país.

Em 15 de Outubro de 2017 dei por mim a meio da tarde na minha sala rodeado de livros, música, equipamento vídeo e de fotografia, espólios fotográficos e chamas de fogo violento que batiam em todas as janelas da casa; estávamos no meio do maior incêndio alguma vez registado em Portugal; num momento de instinto de sobrevivência apercebi-me que já não era possível arriscar mais para tentar salvar a casa, companheira e eu fugimos, rodeados de fumo espesso e chamas.

À falta de apoio do Estado e de profissionais, psicólogos e assistentes sociais, li um pouco de Nietzsche o que ajudou a compreender que no caos e da destruição podem fermentar iniciativas criativas, que permitem um despertar de potencialidades pessoais, qual Fénix renascido das cinzas, e pelo menos fazer-nos sentir vivos.

Em meados de 2018, uma artista de nacionalidade russa, a Evgenia Emets, fazia uma residência artística em Góis, aqui ao lado da minha Aldeia, necessitou de alguém que pudesse realizar um vídeo sobre a floresta; contactaram-me e, deste modo, criou-se uma boa amizade que teve como primeiro trabalho um documentário artístico, o "*Eternal Forest*", o qual recebeu o prémio "Panorama Regional" do festival de cinema e ecologia "Eco-Seia"<sup>4</sup>. O sucesso da realização deste vídeo, utilizando os conhecimentos do método etnográfico, bem como o apoio financeiro de um donativo familiar para aquisição do equipamento de vídeo e fotografia, foram dois elementos motivadores para prosseguir esta trajetória de produção de vídeo ativismo.

Neste percurso, conheci e interagi com o meio alternativo ativista: Climaximo e o João Camargo, a XR-Portugal, o Jornal Mapa, a experiência habitacional Akra em Montemor-o-novo e seus ativistas, a Ptrevolutiontv- vídeo em direto desde as ruas- o RDA69 e a Ciclo Oficina dos Anjos.<sup>5</sup>

Assim meti-me à estrada com poucos fundos, apoiado por mecanismos como o

---

4 Ver anexo 2

5 Anexo 10

financiamento coletivo (*crowdfunding*) ou das associações locais para pagar as despesas de deslocação e alimentação, sendo *pro bono* o trabalho de filmagem e edição dos vídeos; a visibilidade e o impacto social destes foram evidentes.

Em Monchique, três semanas antes dos incêndios de 2019, projetamos o documentário “*Eternal Forest*” num evento com a presença do presidente da Câmara, de líderes locais e da população local. Uma semana depois dos incêndios, reconheci vários comentários ao referido documentário proferidos pelo presidente da autarquia numa entrevista ao Diário de Notícias.

Outro trabalho que merece referência foi realizado em Montalegre; consistiu em filmar e entrevistar ativistas locais contra a mina a céu aberto para a extração de lítio, em terras do Barroso bem como dar apoio no direto para as redes sociais da sessão de esclarecimento no auditório municipal, na qual participaram centenas de pessoas; em menos de três meses estes vídeos tinham chegado às 5000 visualizações e as estatísticas do *Youtube* mostravam que um quinto destas eram de fora de Portugal, nomeadamente de França. Talvez possamos concluir que, quem está “longe da sua terra”, isto é, os emigrantes, demonstram uma diferença de atitude, uma preocupação pelo que acontece na sua região e no lugar aonde pensam envelhecer.

Neste contexto de acontecimentos, apercebi-me do impacto que estes documentários podem assumir política e socialmente e do meu papel como ator neste teatro da vida. Com efeito, cresceu a disponibilidade e vontade de fazer este tipo de pequenos vídeos de ativismo ecológico, percorrendo Portugal de norte a sul, pensando numa etnografia multi-situada. Deste modo, alargaram-se as redes de sociabilidade e de amizade que propiciaram um contacto mais próximo com as associações que me solicitaram a produção de diferentes vídeos sobre os problemas locais que afetam as pessoas. Como este trabalho foi realizado maioritariamente em espaço rural, fiquei a par dos problemas e desafios das questões ecológicas de grande parte do território nacional.

Os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas do mestrado, através das comunicações dos diferentes docentes e da elaborações de sínteses reflexivas de diferentes textos, com relevância para autores que produziram obras resultantes de processos de reflexão sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia, formataram o método e as técnicas aplicados neste trabalho de projeto.

Estes saberes foram aplicados na escolha da entrevista não estruturada, nas conversas, nas histórias de vida, no estudo de caso e no desenho de uma estratégia para aproximação ao terreno

e às pessoas; assim, ao gravar entrevistas a agricultores locais, iniciei sempre com um breve momento em que coloco perguntas sobre as origens do entrevistado, dos seus pais, avós, com que idade e como começou a trabalhar na agricultura; deste modo, adquiri uma mais profunda compreensão dos desafios atuais perante os problemas da seca e de modelos de desenvolvimento extrativistas e agressivos para o meio ambiente, em contraste com a ausência de políticas de apoio à agricultura local, familiar, biológica bem como de apoio à implementação de projetos de intervenção nas creches, ATL, escolas locais, nas IPSS, nas residências sénior, no que à alimentação saudável e saúde dizem respeito.

Apercebi-me que há neste quadro, a necessidade urgente de apoio ao escoamento de excedentes de produtos alimentares, confeccionados ou não, com o objetivo de combater a fome e a pobreza, erradicando mecanismos mais ou menos institucionais com um cariz caritativo, cuja ação retira dignidade a quem se dirige; o banco alimentar é bem um exemplo deste tipo de intervenção. Aqui cabe referir o papel da responsabilidade social das empresas as quais devem ser obrigadas a aplicar os lucros nesta frente geradora de injustiça e de desigualdades sociais.

Enfim, tudo isto a apontar para a certeza de que um dos assuntos mais importantes é, de facto, a dimensão ecológica da agricultura e dos modelos de produção, circuitos de distribuição e consumo de bens alimentares na sociedade.

Desde o início deste Mestrado que tive consciência de que uma das “emergências antropológicas” seria gravar histórias de vida e o saber-fazer de uma geração que está a desaparecer rapidamente e que possui uma profunda conexão com o mundo rural, uma cosmovisão e ligação à terra, à floresta que configuram uma cultura ancestral que necessita de ser revisitada.

Numa perspetiva holística e integrada, urge estudar a agroecologia e a agricultura familiar local como respostas aos desafios colocados pelas hegemonias e geopolíticas do capital global, que têm um enorme impacto negativo e impedem redes de apoio e mecanismos locais de soberania alimentar.

Concluindo esta breve introdução, posso afirmar que, de um leque de opções para fazer um trabalho de projeto, surgiram ideias de realizar, por exemplo, um pequeno estudo sobre baldios e as lutas de resistência popular contra a destruição da natureza e a dependência de monopólios como, por exemplo, o da indústria do papel. Contudo, no quadro do *Covid19* e do nascimento de

um filho, com escasso orçamento, tempo e com os *imponderabilia* da vida real (Malinowsky, 1922) decidi centrar-me na zona aonde habito e fazer um estudo etnográfico de micro escala, delimitando o objeto de estudo a uma unidade de produção de agricultura ecológica e familiar, um estudo de caso do Mercadinho do Botânico.

## Do clássico trabalho de campo às tendências da Antropologia contemporânea

### Breve revisão da literatura

A síntese de ideias e de conceitos que se apresenta, visa aproveitar conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas e que aqui fazem sentido, embora sem o aprofundamento que uma dissertação exige. Segundo alguns autores, como por exemplo James C Scott e David Graeber, a Antropologia tem sido uma das ciências sociais mais afetadas pelo capitalismo hegemônico, que parece apostado em destruir os “santuários” pré-capitalistas, isto é, as comunidades nativas, sociedades indígenas, que estão na base do desenvolvimento desta disciplina. A globalização levou o capitalismo aos mais recônditos cantos do mundo e o fim do colonialismo trouxe novas arenas para o trabalho de campo etnográfico, bem como a necessidade de se reinventar novas estratégias metodológicas.

As profundas mudanças sociais no pós-modernismo colocou a questão da emergência de uma cultura global e da destruição ou desaparecimento das culturas locais, que teve consequências na procura de novas metodologias na Antropologia Cultural e Social.

A indagação que se coloca é a seguinte: as sociedades contemporâneas tendem para uma homogeneidade em termos de valores e organização social ou a globalização criou novas formas de diferença? Esta é uma das questões-chave relativas às mudanças operadas nas diferentes sociedades como consequência da globalização.

A revisão da literatura antropológica, que se apresenta, foi estruturada a partir de uma síntese das ideias-chave dos textos de leitura obrigatória da unidade curricular “Teorias Antropológicas”.

Para o efeito, revisito leituras e autores que mais me marcaram na fase curricular do mestrado e que serviram de inspiração, não só ao trabalho de campo como na fase de produção do filme etnográfico.

Na obra *Argonauts of the Western Pacific*, Malinowsky (1922), realça o papel da empatia como uma competência especial para penetrar na vida dos nativos; chama a atenção para a

importância da etnografia dar conta dos processos utilizados para a aquisição dos dados, fazendo-os emergir da obscuridade, evitando generalizações sem o cuidado de explicitação das experiências, isto é, das condições sobre as quais se fizeram as observações. A “magia do etnógrafo” serve para evocar o verdadeiro espírito dos nativos e a verdadeira imagem da vida tribal que conduziram às conclusões das pesquisas efetuadas.

Como afirmava Malinowski, os resultados obtidos pelo antropólogo eram obtidos através de uma competência especial chamada “empatia” para penetrar na vida dos nativos. Ao longo do trabalho de campo para a produção do filme etnográfico, senti que esta dimensão da empatia era essencial na gestão da relação com produtores e consumidores.

Segundo Jill Dias, o enfoque dualista entre as visões naturalistas e humanistas da realidade social, torna o trabalho de Malinowsky uma referência para a construção do “Novo Humanismo”, dando conta da complexidade da natureza humana, tanto no plano da emoção como da razão da ação humana; procura encontrar o homem vivo por detrás das ideias, sentimentos e impulsos; inspirou-se nas filosofias alemãs de vida, nos conceitos de subjetivismo e de empatia, crença na experiência “iniciática” do trabalho de campo antropológico. (Dias, 1997: 45). Senti em primeira mão que a etnologia me conduzia a este Homem Novo e que o ativismo acelerava este processo de experiência iniciática.

Segundo Barrett (2013, 2009) hoje em dia é reconhecido que os primeiros antropólogos perdiam-se entre os nativos, armados de um sentido de superioridade moral, cultural e intelectual, acrescido do apoio da administração colonial. Existia um sentimento de compaixão e de paternalismo acerca dos nativos mas, ao mesmo tempo, havia poucos constrangimentos para os inquiridos, exceto para o etnocentrismo e o sentido de decência; exceção para “Franz Boas, Bronislaw Malinowski e Audrey Richards destacaram-se pela qualidade dos dados e da sofisticada análise” (Barrett, 2013:264)

Os antropólogos no terreno aprendiam em primeira mão acerca dos povos pré-industriais, filtrando outras culturas com lentes ocidentais o que provocava, muitas vezes, uma visão etnocêntrica do mundo, criada pela desigualdade entre os poderosos *outsiders* e os cativos *insiders*.

Mas o acesso a outras culturas já não está garantido, pelo que cada vez mais os

antropólogos praticam a investigação *at home*, sendo a Antropologia Urbana<sup>6</sup> um bom exemplo. Muitos antropólogos continuam a fazer trabalho de campo de curta duração devido às dificuldades de financiamento. Hoje já não se observam sociedades exóticas isoladas do resto do mundo pelo que os métodos qualitativos dominantes deram lugar a uma aproximação computadorizada (Barrett, 2013: 265).

As mudanças sociais em curso obrigam a repensar a teoria e a metodologia pós-modernista e feminista, as quais têm implicações ontológicas e éticas.

Numa era do imperialismo, parece que a variação cultural tem vindo a diminuir, pelo que há a necessidade da Antropologia acompanhar a mudança social e os desafios intelectuais.

Como afirma Barret,

*“Other signs of adjustment to social change have been much less ambiguous. For example, anthropologists (see Appadurai 1991, Bennett 1987, Brumann 1998, Featherstone 1990 and Hannertz 1989) have made a significant contribution to key questions related to globalization. Has a global culture emerges, in the process destroying local culture? In the world today characterized by homogeneity in terms of both organization and values, or has globalization created new forms of difference?”* (Barrett, 2013: 267)

Procurei, igualmente, inspirar-me na importância da dimensão ontológica proposta por Philippe Descola na obra *Beyond Nature and Culture* (Descola, 2013: 112-125).

O projeto do autor visa relativizar e transcender a oposição Natureza vs Cultura transportando a etnografia para uma dimensão mais global, mas também valorizando a perspectiva dos nativos, em detrimento dos interlocutores académicos. A pretensão do autor consiste em ganhar uma maior compreensão do comportamento coletivo das relações que nos dizem respeito e que podem ser detetadas através de práticas observadas e não as que podem ser deduzidas das regras formais que regulam as preposições lógicas.

De facto, sem o acompanhamento das dinâmicas, práticas e estratégias dos atores locais, do processo de construção e reconstrução do grupo, os resultados deste trabalho seriam muito redutores.

Mas é aqui que ganha força a Antropologia Visual pelo registo dos momentos históricos destes processos de transformação através da imagem.

Debruça-se sobre os modos de identificação e os modos de relacionamento afirmando que

---

<sup>6</sup> Graça Índias Cordeiro (1997) *Um Lugar na Cidade, Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*, Publicações D. Quixote

existem duas formas fundamentais de estruturar a experiência pessoal e coletiva. Podemos estabelecer diferenças e semelhanças entre nós próprios e outras entidades, aferindo analogias e contrastes, semelhanças e diferenças, isto é, entre as características que atribuímos a nós próprios e aquelas que atribuímos a outras entidades/objetos. Este mecanismo de mediação entre o *Self* e o *Non-self* é semelhante à interação entre o EU e o Outro.

Por fim, e não menos importante é a ideia de que é mais fácil para o cientista social focar o grupo do que mapear as controvérsias acerca da formação deste. Por razões empíricas, a formação do grupo deixa muito mais pistas no seu surgimento do que quando já está formado.

Neste contexto, a perspetiva que adotei foi centrada no processo de formação do grupo que deu origem à Associação Horta Nossa do Mercadinho do Botânico e, deste modo, pude entender os fios que começaram por unir os atores locais e os motivos que ocasionaram a saída e o estabelecimento de novas redes de produtores e consumidores. Por conseguinte, a Actor Network Theory foi um conceito inspirador que moldou o meu olhar para observar a forma como o grupo fundador de Mercadinho do Botânico foi tecendo as diversas redes de parceiros e de consumidores.

Outra autora de referência, Sharon Hutchinson, cuja obra, *Nuer Dilemmas: Coping with Money, War and the State* (Hutchinson, 1996) também foi inspiradora para o presente trabalho.

A etnografia sobre os Nuer, de Evans-Pritchard (1902-1973), constitui uma das obras mais emblemáticas da Antropologia, sendo uma das mais citadas pelo detalhe etnográfico do retrato de um povo, a par da obra de Malinowski sobre o povo das Ilhas Trobriand, constitui um exemplar rico de modelos de entrevista/inquérito em análise do trabalho de campo.

Surgem hostilidades por causa do petróleo, guerra civil e conflitos tribais nos quais as armas eram importantes, o que contribuiu para se tornarem altamente politizados. Durante 60 anos, os/as Nuer foram alvo de profundas mudanças provocadas por vários conflitos violentos e incorporaram essa experiência na vida cultural e social contemporânea.

A ênfase analítica é feita sobre esses valores, conceitos e práticas contemporâneas dos Nuer, homens e mulheres, percecionados como mudança.

Os efeitos cumulativos de décadas de reanálises do material, revelaram a ilusão de que a vida cultural e social dos Nuer está acima da história e para além da mudança.

Hutchinson destaca a ideia central da necessidade de se equacionar a mudança histórica

dos povos, os conceitos de personalidade e de sociabilidade, as condições e práticas específicas que levam este povo a “*problematizar os aspetos fundamentais de quem eram e o que fizeram, porquê certos padrões e práticas socioculturais se diluíram e mudaram*” (Hutchinson , 1996:27). Deste modo, realça a questão da ideia dos “Nuer” como identidade étnica e no facto do ponto de vista das mulheres ser raramente considerado (1996:29).

À semelhança da perspetiva da autora que, no seu trabalho de campo nunca considerou os Nuer meros informantes mas sim colaboradores ativos e comentadores críticos e relevou o papel das mulheres nos processos de transformação da sociedade, também procurei, ao longo do processo de produção do documentário, considerar os agentes da ação, e as mulheres em particular, protagonistas críticos e sabedores de toda uma filosofia de vida que pretendi captar. Foi essencial esta postura para sentir que estava a produzir conhecimento antropológico e a desenvolver uma etnografia que reconstrói a realidade social numa perspetiva *emic* na qual é possível atenuar a armadilha etnocêntrica do discurso Eu e do Outro.

George Marcus, no capítulo três da sua obra *Ethnografy Through Thick and Thin*, “Ethnografy in/of The World System. The Emergence of Multi-Sited Ethnografy” (Marcus: 1995) desenvolve uma abordagem sobre a emergência de uma etnografia multi-situada. Esta consiste numa prática etnográfica que se desloca da convenção de se fazer etnografia num território limitado para uma prática multi-situada num território mais vasto dentro do capitalismo global.

O autor apresenta os eixos metodológicos da etnografia multi-situada colocando as seguintes três questões: será possível implementar a pesquisa etnográfica multi-situada sem se perderem conhecimentos e competências que são expectáveis no trabalho de campo, isto é, é praticável o trabalho de campo como tradicionalmente tem sido realizado? (Marcus, 1995: 83) A mística do trabalho de campo ter-se-á perdido? O que não se terá perdido, mas permanece essencial na pesquisa multi-situada, é a função de tradução de um idioma cultural ou linguagem para outra.

Retive a ideia da existência de uma etnografia multi-situada emergente que obrigou ao mapeamento de várias estratégias, novas arenas de trabalho envolvendo a perspetiva transdisciplinar, nomeadamente estudos de género, feminismo, ciência e tecnologia. Assim, o método etnográfico está embebido num discurso reflexivo de *self presentation*, no qual a ênfase é na ética, no compromisso e ativismo. Uma ética de respeito às causas sociais, de respeito e apoio,

sem paternalismos.

Inicialmente, na qualidade de ativista que necessita de aprofundar o conhecimento antropológico dos movimentos sociais a nível do país, pensei ser possível aplicar este tipo de etnografia no trabalho de projeto, contudo, as limitações de todo o tipo, já referidas na introdução, fez-me ver a não exequibilidade deste tipo de pesquisa, não obstante ter executado vários trabalhos registados em vídeo em diferentes latitudes do país.

Por fim Anthony Seeger e a obra "*Long-term Field Research in Ethnomusicology in the 21st-Century*" (Seeger, 2008) na qual o autor faz uma reflexão acerca da investigação de longa duração no Antropologia Social, referindo as vantagens e desvantagens deste método.

Como exemplo das vantagens, refere o enriquecimento das perspetivas dos pesquisadores, das mudanças na comunidade e no pesquisador ao longo do tempo, a colaboração e apoio quanto aos anseios da comunidade, o aumento do respeito pelas iniciativas dos sujeitos, da pesquisa colaborativa em projetos comuns.

Entre as desvantagens incluem-se a intensidade da pesquisa, o *stress*, bem como os potenciais conflitos entre os achados dos pesquisadores e a auto-imagem, a auto-compreensão da comunidade.

O processo de abertura do terreno e a aproximação aos protagonistas centrais deste trabalho foi de curta duração, com o Covid19 pelo meio, mas a intensidade de contactos pessoais acentuou-se com o fornecimento semanal e ao domicílio de produtos vegetais entre outros, possibilitando esta prática um contacto de longa duração com os protagonistas do presente documentário.

## A Antropologia Visual: em busca da teoria essencial para a realização do documentário

A Antropologia Visual, como método de pesquisa tem um valor inestimável numa investigação antropológica pois, assim como o lápis ou a caneta rabiscam as notas e diário de campo, a fotografia e o vídeo/cinema registam métodos artesanais de saber fazer, de uma forma que o apontamento escrito não conseguiria.

Parafraseando Frederick Wiseman (...)um dos grandes documentaristas norte-americanos, autor da obra *The shooting of the film is the research*<sup>7</sup>, isto é, a partir do trabalho de campo, pretendo explorar questões antropológicas ligadas ao visual e ao sensorial: as cores dos vegetais num mercado, a disposição da fruta na banca e a sua geometria que chama a atenção, o cheiro a fresco e a aragem do vento que corre num mercado aberto, a forma como são embalados e preparados os produtos (muitas vezes ainda usando fio vegetal em vez de elásticos). Estas dimensões são de grande interesse no âmbito de uma antropologia do sensorial para a qual as narrativas visuais e sonoras configuram a base do filme etnográfico que pretendo realizar como trabalho de projeto o qual permitem dar visibilidade à agroecologia<sup>8</sup>.

Assim:

*“O cinema (e a antropologia) tornou-se também parte da violenta estruturação da percepção espacial, social e cultural e da interação humana promovidas pelos modos de produção e pelo intercâmbio industrial capitalista (tecnologias modernas), e pela estruturação do espaço urbano (construção em larga escala de logradouros urbanos povoados por multidões anónimas). Podemos afirmar que a modernidade se concretizou no cinema e pelo cinema: primeiros filmes, instituições cinematográficas, ascensão da linguagem visual como discurso social e cultural.”* A linguagem visual como discurso social e cultural (Ribeiro, 2005: 615)

É nesta perspetiva, de utilização da linguagem visual como discurso social e cultural, que tentei produzir um objeto fílmico que seja pedagogicamente interessante para a difusão deste paradigma da agroecologia e regeneração ecológica e humana.

<sup>7</sup> Wiseman usa esta expressão nas diversas entrevistas e palestras dadas nas universidades e em revistas da especialidade. Ex.: <https://www.nytimes.com/2020/12/15/magazine/frederick-wiseman-documentaries.html>

<sup>8</sup> Dar visibilidade através das redes sociais em geral e festivais em particular. E também trazer esta discussão para dentro da universidade.

Sabendo de antemão que um dos fatores que trazem mais informação à nossa pesquisa são as entrevistas e as conversas com os atores, procurei seguir na senda de Eduardo Coutinho, mestre do documentarismo brasileiro. E porquê Coutinho, celebrado realizador brasileiro, conhecido e entendido como um dos maiores realizadores de cinema documentário do Brasil?

Pois a resposta está no facto de que, como aprendiz destas lides de registar com a câmara e o microfone aquilo que se me apresenta como algo de interesse, está precisamente numa das maiores características do ser humano: a fala. Pois a fala, a voz, é uma das coisas mais simbólicas e importantes no Homem. E Coutinho trás, com a sua obra, uma visão e uma metodologia para captar essa essência com a arte do cinema não ficcionado, um teatro da vida (*The Presentation of Self in Everyday Life*, Erving Goffman (1959), que poderia ser considerado uma forma de ficção subjetiva, pois toda a memória do que se fala é inventada e a interação entre quem entrevista e o entrevistado revela esta memória.

Como afirma Coutinho numa das múltiplas entrevistas que deu: “as pessoas contam as coisas para dar sentido às suas vidas”. Quando filmo ou quando me proponho filmar ou documentar algo ou alguém, tenho o meu lado de repórter televisivo a querer se intrometer com os seus dispositivos clássicos, como o plano de corte, a pergunta/resposta (isto ao contrário do que eu aprendo com Coutinho) de que a relação documentarista e entrevistado deve ser acima de tudo uma conversa. Uma conversa que vai revelando a essência teatral da vida, de um “mise en scène” pessoal de cada um perante a máquina de filmar (Goffman, 1959); uma conversa que revela o quotidiano da vida em que os imprevisíveis da vida real tem espaço para acontecerem.

E aqui Coutinho, com a sua forma de estar humanizada, provoca precisamente essa libertação na pessoa que fala. O cinema de Coutinho é o cinema do real, do concreto. Um excelente exemplo para um antropólogo visual. Este cinema de conversação tem toda uma visão *emic* que surge durante estas conversas e, para o provar que estamos lá a fazer cinema, muitas vezes Coutinho filma a própria equipa de filmagens, como quem mostra que estava lá a fazer cinema, que é real e que é a verdade que emerge da ficção, a memória e o passado emergem para a superfície através da presença da câmara. Uma “fly on the soup” de certo modo – a câmara que revela o cinema a ser feito, tal como mostra Dziga Vertov em “The man with the movie camera”<sup>9</sup>.

Como diz o autor, o cinema que faz é o da pessoa concreta- o que lhe interessa é a palavra da pessoa e uma das formas que tem para mostrar esta importância é o plano sequência, por

---

9 <https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Dziga+Vertov%22>

vezes de vários minutos, sem planos de corte em que o que fica é a experiência da pessoa que fala. No entanto, e como vemos nas suas obras, a fala é o que dá a importância monumental ao silêncio, às pausas na fala, que tanto dizem - “O silêncio é mais estranho que a vida”, diz. “Mas é maravilhoso, você começa a pensar.”. A análise conversacional<sup>10</sup> é uma etnometodologia, que permite, por conseguinte, decodificar várias dimensões da comunicação. Entra aqui então o que escrevi acima, acerca do silêncio, como uma dimensão que permite o refletir, pensar, exprimir um sentimento.

E também o facto de que o silêncio, numa entrevista, numa conversa, é algo incómodo, é um código de conversação.

A entrevista como arte do encontro no documentário é também um dos grandes legados que Coutinho junta à arte do cinema não ficcionado. Coutinho desenvolve o seu método ao longo do tempo e da sua experiência: entre ir retirando dispositivos cinematográficos, também cria aquilo que se chama “as prisões de Coutinho” que de facto têm uma característica antropológica multi situada: ele planifica o tempo e o espaço, decide que é ali e naquele momento e nada mais interessa. Quando decide que é no Edifício Master que quer filmar, foca-se nisso, mesmo que no edifício ao lado algo de extraordinário se passe; decide também o tempo de filmagens: está planificado que fica um mês num local e ele cumpre escrupulosamente esse plano. João Moreira Salles, produtor de Coutinho no documentário “Edifício Master” fala nestas prisões<sup>11</sup> e na ética de Coutinho. Menciona Nietzsche: “é preciso saber dançar acorrentado”!

Salles também descortina duas características essenciais do cinema de Coutinho e que também se encontram no desenvolvimento do *cine vérité*, ou cinema direto: a primeira é “o encontro”, propriedade maior daquilo que poderia ser uma entrevista, mas não é: é um encontro, uma conversa. A segunda é a supressão [gradual dos dispositivos cinematográficos], em que existe o encontro com a pessoa e se elimina tudo (planos de corte, voz off) para ficar só o realizador e o personagem, a conversa. Aqui entra a tal ética de Coutinho, em que o tempo de filmagem é aquele e não outro, em que o plano de corte não entra pois é feito num outro momento que não aquele.

Em relação ao “*ciné vérité*”, Teresa Fradique no artigo “A senhora e o rio: dois novos olhares do documentarismo em Portugal” (Fradique, 1997) dá conta de que:

“Esta corrente, iniciada no início dos anos 60 – e que tem como exemplos pioneiros, por exemplo, Les

---

10 Cf. Michel Binet, antropólogo especialista em Análise Conversacional. Vêr bibliografia.

11 Masterclass “Como Fazer Cinema com Quase Nada: a Gramática Mínima de Eduardo Coutinho”  
<https://youtu.be/LCYKFscdLBQ> (visto em 20-6-2022)

*Maîtres-Fous (1954), de Jean Rouch, ou Chronique d'Un Été (1960), de Jean Rouch e Edgar Morin- baseava-se na utilização de novas tecnologias cinematográficas (as câmaras de 16mm, mais leves e portáteis, por um lado, a possibilidade revolucionária de gravador de som síncrono, por outro) ao serviço de uma ideologia de cariz militante. A ideia era chegar mais próximo das pessoas, recolher a polifonia dos seus testemunhos espontâneos, tudo isto através de som e imagens que se correspondessem, libertando assim o documentário do recurso à voz off que fica, de alguma forma, esvaziada de sentido.” (Fradique , Etnográfica, vol. 1 (2), 1997: 339-345).*

Levanta-se assim uma questão: qual o valor da imagem para a pesquisa etnográfica e qual o valor da antropologia para se fazer arte cinematográfica? Uma vez mais, Teresa Fradique, na revista Etnográfica, dá conta: “Quarenta e cinco anos depois de cineastas e antropólogos franceses se terem reunido no Museu do Homem, em Paris, para iniciarem um diálogo entre duas disciplinas que permitiam relacionar rigor científico e arte cinematográfica, o CEAS promoveu uma iniciativa intitulada “Olhar etnográfico, olhar cinematográfico- encontro entre antropólogos e documentaristas”. A este propósito, António Loja Neves escreveu:

*“Por demasiado tempo as coisas andaram pelo seguinte esquema: primeiro os antropólogos descobriram que a imagem era excelente acessório para a sua atividade investigativa e utilizaram-na sem preocupação de aprofundar a gramática cinematográfica. Nestas circunstâncias, apenas recolhiam excelente material de arquivo, mas em bruto e incapaz de servir para mais do que a análise pessoal e reservada dos estudiosos; segundo- os cineastas apaixonavam-se por uma temática de raiz etnográfica e passavam à realização de um filme sobre a mesma sem se preocuparem muito com os elementos de interesse antropológico [...]. Desta demarche apenas resultava um filme tecnicamente bem realizado, mas longe de aproveitar o esforço para apresentar o assunto de forma cientificamente elaborada” (Expresso, 7-12-1996).”*

Um dos textos mais inspiradores acerca de Eduardo Coutinho, que liga a sua perspetiva e modo de fazer a Goffman, é o de Ismael Xavier em “Indagações em torno de Eduardo Coutinho e seu diálogo com a tradição moderna” este autor afirma:

*“No centro do seu método, está a fala de alguém sobre sua própria experiência, alguém escolhido porque se espera que não se prenda ao óbvio, aos clichés relativos à sua condição social. O que se quer é a expressão original, uma maneira de fazer-se personagem, narrar, quando é dada ao sujeito a oportunidade de uma ação afirmativa. Tudo o que da personagem se revela vem de sua ação diante da câmara, da conversa com o cineasta e do confronto com o olhar e a escuta do aparato cinematográfico. [...] Seguindo diferentes tons e estilos, cada conversa se dá dentro daquela moldura que produz a mistura de espontaneidade e de teatro, de autenticidade e de exibicionismo, de um fazer-se imagem e ser verdadeiro, dualidade que está bem resumida na fala de Alessandra, a garota de programa de Edifício Master, exemplo notável de intuição do que está implicado no efeito câmara. Ela diz “eu sou uma mentirosa verdadeira”, depois de uma sedutora performance em que explicou como se pode mentir quando se fala a verdade ou ser verdadeiro quando se mente. [...] Coutinho, em particular, sabe como poucos trabalhar dentro dessa premissa para compor um cenário de empatia e inclusão que se apoia numa filosofia do encontro que não é difícil formular em teoria, mas cuja realização é rara. Ela*

*exige a abertura efetiva para o diálogo (que não basta programar), o talento e a experiência que permitam compor a cena apta a fazer com que aconteça o que não seria possível sem a presença da câmara. O conhecido efeito catalisador do olhar do cinema na gestação da fala inesperada deve chegar à sua potência máxima, de modo a compensar a assimetria dos poderes.” (Xavier, 2004: 180 -187)*

Aqui entra o conceito de ordem de interação desenvolvido por Goffman que é essencial na análise do cinema e do meta-cinema de Coutinho, desenvolvido na obra *“os momentos e os seus homens”* (Goffman, 1999: 190). Neste livro, Goffman usa o imaginário do teatro para mostrar as nuances e significados da interação social “cara a cara”, que o autor refere como “modelo dramático da vida social”. Neste sentido a vida e interação social são vistos como um teatro em que vestimos um papel e os espetadores seriam as outras pessoas que observam a nossa ação e reagem à nossa performance. As interações sociais, como num teatro, tem um palco, um “*front stage*”, um “*back stage*” (aonde preparamos a nossa performance e aonde podemos relaxar e ser nós mesmos, aonde ninguém nos vê). Essencial no livro e na teoria de Goffman é a ideia de que as pessoas ao interagirem umas com as outras, estão permanentemente a fazer uma gestão da sua aparência, para não cair no ridículo ou fazer os outros cair nesse ridículo (em que caem as máscaras):

*“Vale aí o princípio de que as pessoas são interessantes quando se libertam do estereótipo, recuperam na conversa um sentido de auto-construção que tem sua dimensão estética. No limite, o cinema de Coutinho tem como horizonte um apresentar-se do sujeito como foco de um estilo (no sentido shakespeariano da auto conformação, não no sentido de adoção de fetiches da moda). Não se trata mais da fé no natural, no absolutamente espontâneo, na verdade já dada sobre quem quer que seja. Trata-se de evidenciar as práticas da oralidade e dos gestos pelos quais um sujeito se apropria de sua condição, é criativo. Dentro dessa mescla de teatro e de autenticidade catalisados pelo efeito câmara, cada um é cheio de dobras e se faz sujeito na prática, no embate com a situação, ou na invenção de um modo de viver certa condição, incluída a breve experiência diante dessa visita do cineasta a seu mundo.” (Xavier, 2004)*

O que move Coutinho é o querer entender a vida usando o conceito de ordem de interação de Goffman<sup>12</sup>, para tentar saber o que pensam os outros da sua própria vida. E no decorrer da própria vida chegamos a um cinema radical, que Coutinho faz no fim de vida, já antigo e debilitado, em que elimina todos os dispositivos cinematográficos, sem eliminar o cinema: os elementos visuais vão desaparecendo ficando só um ciclorama negro e uma cadeira, e um realizador já sentado à espera de receber a pessoa, a conversa, a revelação da vida. Como ele próprio dizia, *“Eu nunca digo Ação!, nem nunca digo Corta! isso é fatal para o documentário, pois isso é do cinema de ficção. E para entender o mundo o documentário é tão importante como a ficção.”*<sup>13</sup>

12 Cf. obra de Erving Goffman, 1999, *Os Momentos e os Seus Homens*, Relógio d’Água Editores

13 Eduardo Coutinho - el documental y la palabra: <https://youtu.be/F0UVEBDRZGo> (visto em 15-06-2022)

E aqui se vê algo importante em Coutinho: não lhe interessa o momento crítico, de algo que acontece de histórico, mas sim o banal do cotidiano. E isso para mim é uma das grandes aprendizagens que Coutinho trás à minha constante interrogação do que é afinal o cinema documentário.

### **Dos Sentidos:**

Neste processo de investigar usando a metodologia da antropologia visual, não podíamos deixar de mencionar a antropóloga Sarah Pink. A nota introdutória ao seu livro “ The Future of Visual Anthropology: Engaging the Senses” diz assim acerca da autora:

*“From an eminent author in the field, The Future of Visual Anthropology develops a new approach to visual anthropology and presents a groundbreaking examination of developments within the field and the way forward for the subdiscipline in the twenty-first century The explosion of visual media in recent years has generated a wide range of visual and digital technologies which have transformed visual research and analysis. The result is an exciting new interdisciplinary approach of great potential influence for the future of social/cultural anthropology. Sarah Pink argues that this potential can be harnessed by engaging visual anthropology with its wider contexts, including: \* the increasing use of visual research methods across the social sciences and humanities \* the growth in popularity of the visual as methodology and object of analysis within mainstream anthropology and applied anthropology \* the growing interest in 'anthropology of the senses' and media anthropology \* the development of new visual technologies that allow anthropologists to work in new ways. This book has immense interdisciplinary potential, and will be essential reading for students, researchers and practitioners of visual anthropology, media anthropology, visual cultural studies, media studies and sociology”*(pink 2006)

A experiência sensorial e da ação: Sarah Pink refletiu sobre as implicações da teorização das relações entre os sentidos para o uso das tecnologias áudio visuais na pesquisa e representação antropológica (o tacto, o olfato, a visão). (Pink, 2006: 41)

*Film certainly can represent aspects of sensory experience visually through metaphors for that experience and willing the viewer to comprehend the film subjects' sensory experience empathetically or comparatively through his or her own resources of experience. Certainly these aspects of sensory experience and sensory qualities associated with them cannot be equally represented in words and especially not in scientific writing.* (Pink, 2006: 53)

Considera a autora que a importância para a Antropologia e para todas as áreas de estudos

sociais têm assim a ganhar com o uso e desenvolvimento da pesquisa visual como potencial interdisciplinar. Não só porque se “democratizou” a tecnologia como esta mesmo transformou o mundo num lugar hiper mediatizado.

*Visual and digital technologies and media are becoming more economically accessible and ‘user-friendly’. Related to this, visual methodologies are more widely used by anthropologists and thus visual anthropology and the theoretical and empirical concerns of mainstream anthropology become more firmly wedded. Visual anthropologists have argued that the way forward would be both to integrate the visual into mainstream anthropology and to incorporate anthropological aims into ethnographic filmmaking. This would give the visual a critical role in revising the categories through which anthropological knowledge is produced (Grimshaw 2001: 173; MacDougall 1997: 292) by introducing the visual as an alternative way of understanding, and route to knowledge about, social phenomena. Moreover, a new agenda for digital ethnographic video-making has suggested the production of films according to anthropological, rather than broadcast television, agendas (MacDougall 2001; Ruby 2001). The future of this relationship should be a twoway process through which mainstream anthropology comes to accommodate visual knowledge and ethnographic film comes to accommodate anthropological concerns. (Pink, 2006: 19)*

Diferentes sistemas culturais têm usos dos sentidos diferentes. A antropologia visual pode usar metodologias inovadoras para representar a experiência sensorial como um conceito empírico teórico e metodológico.

O Background da cultura é importante porque há sociedades em que o sentido do tacto, a oralidade ou o visual é mais expressivo do que outros.

Há autores que referem que os sentidos estão interconectados e tratam o tacto, o cheiro, o som, o sabor e a visão como repositórios de conhecimento e memória.

*As I noted in chapter 1, the anthropology of the senses originated in the comparative work of scholars such as David Howes and Constance Classen. Howes (1991) was interested in comparing the meanings and hierarchies of senses in other cultures with our (modern western) cultural uses of the senses, and Classen’s (1993) work on the cultural history of smell takes its reader on a cross-cultural and historical tour of the varied places smell has occupied in different cultural systems. Recent critiques of this approach have called for: a rethinking of the relationship between the visual and the other senses in both modern western and other societies; attention to the embodied and biological nature of sensory perception; and a focus on the senses as they are implicated in individual experience and agency Chapter 3 rather than solely as expressive of the wider values and beliefs of holistic cultural systems. These approaches suggest we look behind assumptions that the visual is necessarily the dominant sense in modern western cultures to explore how the relationships between categories of sensory experience figure in informants’ lives (Ingold 2000; Seremetakis 1994a). (Pink 2006: 41)*

Sarah Pink afirma que a compreensão da experiência sensorial dos informantes é

complexa- requer conhecimento cultural, alguma dificuldade de acesso- requer uma participação prolongada nas suas vidas. Talvez mais do que as suas narrativas e gestos dos informantes, a observação participante permite a exposição aos sons aos cheiros às texturas, facilitando a compreensão da experiência sensorial do antropólogo.

*Film certainly can represent aspects of sensory experience visually through metaphors for that experience and willing the viewer to comprehend the film subjects' sensory experience empathetically or comparatively through his or her own resources of experience. Certainly these aspects of sensory experience and sensory qualities associated with them cannot be equally represented in words and especially not in scientific writing. (Pink 2006: 53)*

Às limitações do filme etnográfico, de representar experiências sensoriais, ou de partilhar estas com uma audiência com outra cultura sensorial, a autora sugere que se explore a relação entre a escrita e o vídeo na produção de representação de experiências sensoriais.

*The problem is that film doesn't necessarily represent and evoke the same sensory embodied or emotional experience. It does not transmit what people on one side of the screen experience to those on the other. I have examined this in terms of the potential for the communication of sensory experience between cultures. In this section, I examine whether audiovisual representations can satisfactorily communicate about or evoke sensory embodied experience though an ethnographic example of communication within a single cultural context. In the absence of any audience research about how ethnographic film audiences understand sensory embodied experiences of film subjects I am hoping that an example from my work on the televised bullfight might provide some clues. (Pink 2006: 54)*

I suggest the most viable solution is to explore further how writing and video might combine to represent sensory experience theoretically and ethnographically. This would involve producing multimedia texts that use both metaphor and theoretical argument to make anthropological statements about sensory experience, knowledge and memory that take advantage of the benefits both of ethnographic film and anthropological writing to represent sensory experience and make explicit the anthropological theory that informs our understanding of this. (Pink 2006: 58)

Inspirado pelo trabalho da Sarah Pink não podia deixar de fazer recolhas específicas no meu trabalho de campo: como no meu caso a proposta era usar da imagem e da câmara de filmar para a recolha de elementos que sirvam para enquadrar ou para futura investigação, pois a antropologia visual é teoria e um método, da proposta inicial feita neste trabalho de projecto.

Então lembrei-me das experiências ao visitar mercados: o uso do olfacto, do tacto, da audição (se fecharmos os olhos, estando num mercado como o do Calhabé, os nossos sentidos ficam mais atentos, e o que sobressai é o odor da frescura dos legumes, a brisa suave, a água que

escorre de alguns legumes pelas mãos ao pegarmos neles, enfim, toda uma serie de activações sensoriais: nas entrevistas feitas foi usado mais do que uma vez a expressão “venho aqui pelo ambiente”.

Então, segundo Sarah Pink, as ciências sociais tem muito a ganhar com o desenvolvimento e uso de tecnologia visual que permite fazer melhor pesquisa e analise. Então o resultado deste recente desenvolvimento tecnológico é uma aproximação interdisciplinar com um grande potencial.

Como descrito no resumo do seu livro “The Future of Visual Anthropology, engaging the senses”, Pink (2006):

*Sarah Pink argues that this potential can be harnessed by engaging visual anthropology with its wider contexts, including:*

- *the increasing use of visual research methods across the social sciences and humanities*
- *the growth in popularity of the visual as methodology and object of analysis within mainstream anthropology and applied anthropology*
- *the growing interest in 'anthropology of the senses' and media anthropology*
- *the development of new visual technologies that allow anthropologists to work in new ways.*

Todas as áreas de estudos sociais têm assim a ganhar com o uso e desenvolvimento da pesquisa visual como potencial interdisciplinar. O objecto fílmico que foi produzido no âmbito deste trabalho de projecto têm assim valor para várias disciplinas. Abre-se assim também as portas a investigação acerca da importância dos sentidos na planificação de lugares, de sítios, de não-lugares, da recolha audio-visual para produção de documentário, enfim, das coisas dos Sapiens e sua cultura. Servirá então o documentário para acompanhar um artigo escrito e assim fazer com que se partilhe as experiências sensoriais vividas no terreno, partilhadas pelos informantes.

A Antropologia dos sentidos aliada à antropologia visual tem então aqui um valor a explorar e a teorizar com vista a um melhor entendimento das culturas, mas também na interdisciplinaridade das ciências sociais.

## Aproximação aos conceitos da Agroecologia, Agricultura Biológica e Agricultura Familiar

Antes de definir o que é a Agroecologia, é necessário proceder à definição do que é a Agricultura biológica. No site da Agrobio está definido assim:

*“A Agricultura Biológica é um modo de produção que visa produzir alimentos e fibras têxteis de elevada qualidade, saudáveis, ao mesmo tempo que promove práticas sustentáveis e de impacto positivo no ecossistema agrícola. Assim, através do uso adequado de métodos preventivos e culturais, tais como as rotações, os adubos verdes, a compostagem, as consociações e a instalação de sebes vivas, entre outros, fomenta a melhoria da fertilidade do solo e a biodiversidade. Em Agricultura Biológica, não se recorre à aplicação de pesticidas de síntese sobre as culturas, nem adubos químicos de síntese, nem ao uso de organismos geneticamente modificados. Desta forma, garante-se o direito à escolha do consumidor e é salvaguardada a saúde do consumidor, ao evitar resíduos químicos nos alimentos. Na Europa, a Agricultura Biológica é alvo de legislação específica, o [Reg. \(CE\) n.º 834/2007](#) do Conselho de 28 de junho, relativo à produção biológica e à rotulagem dos produtos biológicos, estabelecendo normas detalhadas cujo cumprimento é controlado e certificado por organismos acreditados para o efeito. Os produtos de Agricultura Biológica são reconhecidos pelo logótipo europeu de Agricultura Biológica.”<sup>14</sup>*

Agroecologia é um conceito que está cada vez mais em voga em certos circuitos, seja em publicações da Comunidade Europeia sobre a PAC (Política Agrária Comum), no Desenvolvimento Rural (European Parliament and Council, 2013), sejam académicos ou em relatórios das Nações unidas (Rosset, 2015; FAO, 2018).

*“A agroecologia como uma prática pode ser descrita como as práticas inovadoras que consigam satisfazer as nossas necessidades alimentares e ao mesmo tempo desenhar as fundações para o sistema alimentar mais sustentável do amanhã. Esta valoriza o conhecimento local, empírico e indígena dos agricultores e agricultoras e cria a ligação entre a produção de conhecimento e a sua aplicação. [...] O objectivo da agroecologia é transformar a agricultura de forma fundamental, colocando-a no caminho da sustentabilidade. Esta pode ser dividida em 3 aspectos distintos: agroecologia como uma ciência; agroecologia como uma prática; e agroecologia como um movimento social” (Gliessman, 2018: 599-600)*

---

<sup>14</sup> AGROBIO (2020) O que é a agricultura biológica? <https://agrobio.pt/agricultura-biologica/o-que-e/>. (Consultado a 23/05/2021)

Mas como podemos definir o que é a agroecologia?

*“A definição mais recente de agroecologia, define-a como a integração da pesquisa, educação, ação e mudança que traz a sustentabilidade a todas as partes do sistema alimentar: ecológica, económica e social. É transdisciplinar no sentido em que valoriza todos os tipos de conhecimento e experiência na mudança do sistema alimentar. É participativa no sentido em que requer o envolvimento de todos os actores chave, desde a exploração até ao prato, e todas as pessoas entre estes dois pontos. E é orientada para a ação porque confronta as estruturas de poder económico e político do sistema alimentar industrial com estruturas sociais alternativas e políticas de ação. A aproximação está alicerçada no pensamento ecológico e requer uma compreensão holística e sistémica da sustentabilidade do sistema alimentar” (Gliessman, 2018: 599-600).<sup>15</sup>*

Então, necessitamos destes três fatores a trabalhar em conjunto para que consigamos um *momentum* para a transformação dos sistemas de alimentação globais e locais:

Agroecologia como uma ciência,

como uma prática

e como um movimento social.

---

15 <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21683565.2018.1432329>

## Agricultura familiar

A FAO (Food and Agriculture Organization, da ONU) define agricultura familiar como sendo: *“a maneira de organizar a produção agrícola, florestal, piscatória, pastoral ou aquacultural, gerida e operada por uma família ou predominantemente baseada no trabalho familiar, incluindo das mulheres e dos homens. A família e a exploração agrícola estão ligadas, coevoluem e combinam funções económicas, ambientais e culturais”* (FAO, 2014a).

No site da FAO encontramos também esta definição e a pergunta “why family farming?”:

*“Family farming is the predominant form of agriculture both in developed and developing countries. There are over 500 million family farms in the world. Family farmers range from smallholder to medium-scale farmers, and include peasants, indigenous peoples, traditional communities, fisher folks, mountain farmers, pastoralists and many other groups representing every region and biome of the world. They run diversified agricultural systems and preserve traditional food products, contributing both to a balanced diet and the safeguarding of the world’s agro-biodiversity. Family farmers are embedded in territorial networks and local cultures, and spend their incomes mostly within local and regional markets, generating many agricultural and non-agricultural jobs. All the characteristics above mean that family farmers hold the unique potential to move towards more productive and sustainable food systems if policy environments support them in this path.”* (<https://www.fao.org/family-farming/background/en/> consultado em 20/09/2022)

A CNA, na sua “Carta da Agricultura Familiar Portuguesa”, afirma:

*“É também a Agricultura Familiar, as pequenas e médias explorações que, por serem a base da economia de milhares de famílias do interior do País, de zonas desfavorecidas e periféricas, que fixa populações, contrariando o êxodo rural, pelo que a sua valorização deve estar na primeira linha de combate à desertificação do interior do Nosso País. São ainda estas explorações que garantem a preservação das raças, espécies e sementes de variedades autóctones, garantem a preservação e desenvolvimento de sistemas produtivos tradicionais, com práticas mais respeitadoras do meio-ambiente, importantíssimos não só em termos agrícolas mas também para o turismo onde em várias regiões do País são a pedra angular de todo o turismo que lá é praticado. A Agricultura Familiar, por natureza multidisciplinar e multifuncional, apesar de desapoiada e mesmo perseguida pela atual política agrícola nacional e da UE, produz riqueza, produz alimentos, defende o ambiente, produz elementos de coesão social, cultural e territorial. Produz bens e serviços públicos. É por isso que o seu desenvolvimento é o garante de um futuro sustentável da Agricultura Nacional, contribuindo para a soberania alimentar do país. [...] Para dar maior visibilidade à importância da Agricultura Familiar, a ONU, na mesma “Resolução 66/222”, veio mesmo a consagrar em 2014 como o “Ano Internacional da Agricultura Familiar”. [16]*

Um dos maiores movimentos internacionais da agroecologia é a Via Campesina <sup>17</sup>, Movimento Internacional de Camponeses. É um movimento multicultural, pluralista e autónomo que surgiu em 1993 como resposta a uma necessidade de concentrar os esforços de forma integral

---

16 <https://agriculturafamiliar.dgadr.gov.pt/images/docs/Recursos/cartaagriculturafamiliar.pdf>

17 <https://viacampesina.org/en/#>

e internacional. Embora com pouca expressão em Portugal, é bastante ativo em Espanha e, assim, permeia o espaço de resistência e inspira ação. O Jornal Mapa, que tem seguido em várias edições as questões da agroecologia em Portugal, publicou recentemente uma entrevista da Revista Soberania Alimentaria, Biodiversidad y Culturas<sup>18</sup>, que traduziu:

***“Que outras estratégias de luta põem em prática, para além da formação e da organização dos trabalhadores para o respeito dos seus direitos?”***

*“Para nós é um desafio unir a soberania alimentar e a produção agrícola com o mundo laboral. Em La Vía Campesina falamos de uma estratégia na diagonal, na qual lutamos pelas condições laborais nas empresas e explorações, promovendo a sua transição para a agroecologia, a reforma agrária e o acesso à terra por parte dos trabalhadores, defendendo ao mesmo tempo as economias camponesas nos seus países de origem. Na Europa, andamos há muito tempo com propostas de condicionalidade social da PAC e de outras ajudas públicas: que se exija para qualquer subsídio ou política de apoio que a empresa cumpra as condições laborais, não só as legais, que são muito básicas, mas também as que chamamos de boas práticas, como é o caso da estabilidade no emprego ou um salário digno e suficiente. Por outro lado, também pressionamos as cadeias de supermercados e as associações certificadoras de produtos biológicos para que apliquem realmente nas suas etiquetas e certificações uma política de exigência de garantias sociais. Os consumidores têm um papel-chave no apoio às nossas lutas.”<sup>19</sup>*

As breves entrevistas feitas a cidadãos consumidores, que faziam as suas compras no Mercadinho do Botânico, confirmam as diferenças entre a qualidade da experiência sensorial e social de consumir nestes circuitos face às grandes superfícies comerciais ou mesmo supermercados de bairro como o Pingo Doce, estabelecido mesmo em frente ao mercado do Calhabé. Das conversas tidas sobressaíram palavras-chave do sensorial como: a frescura (do espaço e dos produtos), o sabor mais rico, as texturas com melhor fibra, as formas perfeitamente naturais e não exageradas das frutas (como nos dá o exemplo da “fruta feia”<sup>20</sup>), a qualidade alimentar dos produtos, com maior aporte de vitaminas e minerais- embora uma guerra de propaganda se tenha instalado, provavelmente paga e com grande *lobby* nos corredores do poder pela indústria agrotóxica que resiste à mudança urgente, não só nas práticas agrícolas mas também laborais e sociais. Assim, esta indústria segue um *modus operandi* conhecido para refutar as afirmações e descobertas científicas que têm sido usadas, desde os anos 50, pela indústria do tabaco, isto é, a negação dos factos através do ruído criado por dezenas de “estudos científicos” e

18 <https://www.soberaniaalimentaria.info/numeros-publicados/75-numero-39/812-entrevista-federico-pacheco-sat> (consultado em 13-07-2022)

19 <https://www.jornalmapa.pt/2022/08/07/trabalhar-pela-soberania-alimentar/>

20 <https://frutafeia.pt/> (consultado em 13-07-2022)

do “necessitamos de mais estudos” usado em várias áreas para atrasar o avanço necessário. Podemos verificar que de 2010 a 2020 a própria indústria rendeu-se ao chamado dos consumidores e passou lentamente a vender produtos “bio” e mais recentemente “veganos”. Então passamos a ver artigos de jornal como este:

*“O estudo de revisão da literatura científica existente – que, dizem os investigadores, é o mais completo até agora realizado sobre a questão – não encontrou provas significativas de que os alimentos biológicos são mais nutritivos ou acarretam menos riscos para a saúde do que as alternativas convencionais. Aliás, o fósforo foi o único nutriente encontrado em maiores quantidades nos produtos biológicos. A maior diferença foi detectada ao nível da exposição a pesticidas, mais reduzido nos produtos biológicos.”*<sup>21</sup> (Jornal Público, 2012)

para este:

*“Os estudos não são conclusivos. Existem vários que apontam para inúmeros benefícios, enquanto outros não encontraram diferenças entre alimentos biológicos e não biológicos. [...] De acordo com vários estudos*<sup>22</sup> *as colheitas cultivadas biologicamente são realmente mais ricas em antioxidantes e vitaminas.”*

Que depois de afirmar que não se chegou a conclusão alguma, afirma isto:

*“Um estudo constatou que fruta e milho biológico continham 58% mais antioxidantes e até 52% mais vitamina C do que aqueles cultivados com métodos agrícolas convencionais. [...] Como as colheitas não são protegidas por pesticidas químicos, elas desenvolvem níveis mais altos de antioxidantes.”*<sup>23</sup> (MSN.com, 2021)

Lançando assim a confusão desnecessária.

A questão da agricultura biológica evoluiu para a questão da agroecologia e a sua influência holística, seja na saúde à mesa, na qualidade dos produtos, nas relações sociais e humanas, nas relações humanas com a natureza e seu impacto na organização do território. Reduzir, como fazem os meios de formação de massas, a questão do biológico a uma comparação do preço ou à qualidade nutricional, é reduzir o debate ao mínimo e é forma de promover o consumo do bio, com as mesmas características do agrotóxico- longas cadeias de produção e distribuição, automatismos e robótica, uso agressivo dos solos, monoculturas, uso de mão de obra sem quaisquer preocupação social e laboral, esgotamento dos lençóis freáticos e uso abusivo da água; sobre este problema ambiental realizei um documentário/reportagem em Odemira, em que se fala também da Agricultura Familiar<sup>24</sup>. Este artigo de um partido nacional também expõe bem estes problemas:

*“A ONU, através da sua resolução nº 66/222, decidiu declarar o ano de 2014, Ano Internacional da Agricultura Familiar. Com esta declaração a ONU reconhece que “A Agricultura Familiar e as pequenas*

21 <https://www.publico.pt/2012/09/04/ciencia/noticia/estudo-diz-que-alimentos-biologicos-e-convencionais-tem-quase-os-mesmos-beneficios-para-a-saude-1561650> (consultado em 12-06-2022)

22 <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21929333/> (consultado em 12-06-2022)

23 <https://www.msn.com/pt-pt/lifestyle/noticias/os-alimentos-biol%C3%B3gicos-s%C3%A3o-melhores-para-a-sua-sa%C3%BAde/ss-AAPbLFI#image=7> (consultado em 13-06-2022)

24 Vêr anexo 1

*explorações constituem um meio importante para se ter uma produção alimentar viável e capaz de assegurar a Segurança Alimentar. Ao ajudar a garantir a Segurança Alimentar e ao combater a pobreza, a Agricultura Familiar e as pequenas explorações contribuem muito para a concretização de objetivos definidos a nível internacional como aqueles para o Milénio”.*

*Este ano decorreu quando a agricultura familiar e a pequena e média agricultura atravessam momentos complicados, sem preços justos pagos à produção, com a relação estreita que têm com a rentabilidade da atividade agrícola – note-se que os agricultores arrecadam apenas 10% da cadeia de valor proporcionada pelo seu trabalho enquanto o comércio, e particularmente as grandes cadeias de distribuição que o dominam, fica com mais de 75% desse valor (de acordo com dados do GPP) - e sem garantia de escoamento, a pequena e média agricultura acumulam dificuldades.”<sup>25</sup> (PCP, 2015)*

Em Portugal, vemos surgir na década de 2010/2020 diversas iniciativas relacionadas com a agroecologia. Recentemente tivemos, em pleno Covid e usando as vantagens da vídeo, conferência, ações como a “Primavera Agroecológica”<sup>26</sup> e as ações da muito ativas nestas lides a Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, a Cooperativa Integral Minga e a Herdade do Freixo do Meio, esta última tem sido liderada por Alfredo Sendim, um dos promotores da agroecologia em Portugal, que tem vários projetos a decorrer em Montemor-o-Novo, entre eles o “Laboratório vivo aberto à partilha nos campos da Regeneração ecológica, Agroecologia e Arqueologia”<sup>27</sup>, os quais têm sido um verdadeiro balão de oxigénio para este movimento da agroecologia nacional em todas as suas vertentes eco-sociais.

---

25 <https://www.pcp.pt/recomenda-ao-governo-implementacao-da-carta-da-agricultura-familiar-aprovada-no-7o-congresso-da-cna> (consultado em 15-07-2022)

26 <https://gaia.org.pt/wp-content/uploads/sites/8/2021/03/programa-completo-PrimaverAE-2021.pdf> (consultado em 15-07-2022)

27 <https://freixodomeio.pt/> (consultado em 15-07-2022)

Programa da “primavera agroecológica”:



A maioria dos debates e tertúlias feitos no decorrer dos “Encontros por uma Primavera Agroecológica” estão disponíveis na *internet*, que é relevante na divulgação, pois assim a informação fica disponível de forma inclusiva para quem não se pode deslocar ou assistir no momento.<sup>28</sup>

Um dos grupos que mais dinamizou o encontro foi a Associação Gaia, Grupo de Ação e Intervenção Ambiental<sup>29</sup>; no seu site expõem bem a causa da importância da agroecologia:

#### “AGROECOLOGIA COMO MODO DE VIDA DIGNA, ENRAIZADA NA CULTURA E NO TERRITÓRIO

*O conceito de Agroecologia é usado também para descrever os modos de vida que permitiram às populações locais subsistir nos seus territórios ancestrais ao longo de gerações. Refere-se ao conhecimento e práticas culturais agrícolas, pecuárias e florestais que sustentam tanto a sociedade como a regeneração ecológica e que são, por isso, fundamentais preservar.*

*É assim o nome de um movimento social que reclama o direito destas populações a manterem os seus modos de vida, o acesso às suas terras, às sementes tradicionais e à soberania alimentar, sejam elas comunidades locais, campesinas, indígenas ou tradicionais, agrícolas, pastoris ou piscatórias.*

*Apoiando um projecto de dignidade, solidariedade e equidade, o movimento social da Agroecologia sublinha a necessidade de justiça ambiental entre classes sociais, géneros e culturas, declarando-se feminista,*

28 <https://gaia.org.pt/primaverae-2021/os-relatos-da-primaverae-2021/> (consultado em 15-07-2022)

29 <https://gaia.org.pt/>

*anticolonialista e anti-imperialista, posicionando-se a favor de um equilíbrio Norte-Sul e Este-Oeste.*

*Assim, a Agroecologia defende a autodeterminação dos povos e o direito das comunidades locais a escolherem os seus próprios caminhos de desenvolvimento, modos de subsistência e políticas públicas que as afetam assim como a proteger a sua dignidade, soberania alimentar e bem-viver.”<sup>30</sup>*

Uma das formas de atingir estes objetivos é a criação de “AMAPS”: Associação para a Manutenção da Agricultura de Proximidade. Existem várias frentes ativas em Portugal a desenvolver trabalho nesta área, como a Rede Portuguesa de Agroecologia Solidária, REGENERAR<sup>31</sup> a qual tem ajudado a organizar e a dinamizar várias ações de divulgação e de organização; no seu site definem a AMAP desta forma: «*Associação para a Manutenção da Agricultura de Proximidade (AMAP) é uma parceria direta, baseada na relação humana entre um grupo de consumidores e um ou mais produtores, onde os riscos, responsabilidades e recompensas inerentes à produção agrícola são partilhadas, através do estabelecimento de uma ligação de longa duração.*»

Os três princípios base das AMAP são:

1. **AGROECOLOGIA:** apoiar as formas de agricultura que promovam o normal funcionamento de ecossistemas adaptados e perduráveis.
2. **PROXIMIDADE:** a relação de escala humana entre produtores e consumidores guia a gestão dos recursos comuns.
3. **ALIMENTOS COMO BEM-COMUM:** *os alimentos não são mercadoria – co-responsabilidade na partilha dos processos de produção, distribuição e consumo, evitando todas as formas de desperdício.*

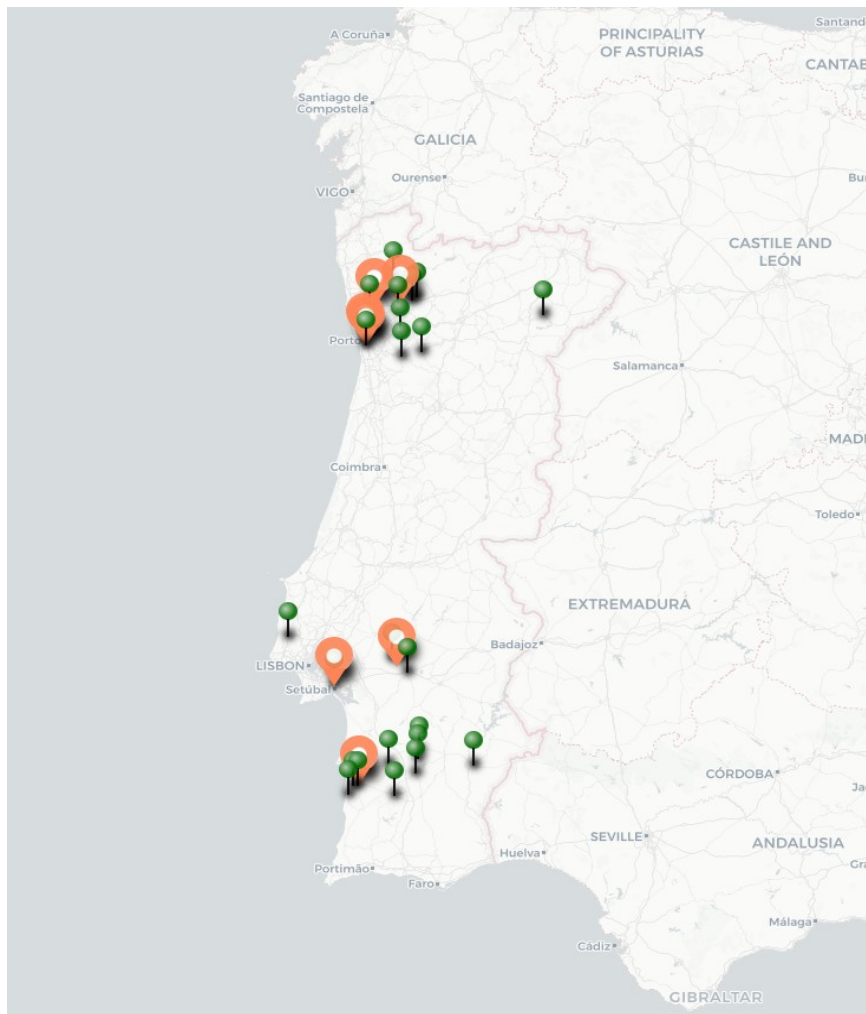
Podemos ler a Carta de Principios da Rede Portuguesa de Agroecologia Solidária — REGENERAR no anexo 12.

---

<sup>30</sup> <https://gaia.org.pt/primaverae-2021/o-que-e-e-o-que-se-pretende-com-a-agroecologia/> (consultado em 15-07-2022)

<sup>31</sup> <https://amap.movingcause.org/> (consultado em 15-07-2022)

## O Mapa das AMAP em Portugal:



Legenda: a verde os produtores. A laranja as AMAPS

Não poderia falar de resistências camponesas sem referir James C. Scott, antropólogo com inspiração libertária (anarquista).

*«Everyday forms of resistance make no headlines. Just as millions of anthozoan polyps create, willy-nilly, a coral reef, so do thousands upon thousands of individual acts of insubordination and evasion create a political or economical barrier reef of their own» (Scott, 1986: 8)*

Uma das transformações do panorama de estudos da antropologia política, que se deu a partir da década de 70 do séc. XX, foi o estudo das formas de resistência à dominação económica

e de como as pessoas “dão a volta” à opressão.

Scott, neste seu artigo sobre as formas de resistência do dia a dia pelo campesinato na Malásia, no estado de Kedah, demonstra como a ideia de resistência e revolução por parte do campesinato, tal como tinha estado a ser estudada, estava limitada à “macro escala” e aos acontecimentos de grande escala como revoltas e revoluções, e ao período de aparente acalmia e subordinação do camponês, indivíduo ou coletivo. Na verdade, a resistência é uma ação continuada no tempo e moderada de acordo com as oportunidades e necessidades das classes mais baixas ou se, por motivos de parentesco, essas classes estiverem mais misturadas, por uma permanente mediação em que as partes dependem mais ou menos do todos. A estrutura em que isto assenta, em termos sociais, é nas escolhas individuais que determinam essa estrutura, assim como essa estrutura determina as escolhas individuais.

Um mecanismo dialético:

*«Nor should we forget that the forms of peasant resistance are not just a product of the social ecology of the peasantry. The parameters of resistance are also set, in part, by the institutions of repression.»* (Scott, 1986: 28)

A ideia de que o camponês é bruto e sem cultura de resistência, que aguenta tudo e só na situação limite é que se levanta em violência e mata o opressor, vem dessa falta de estudo e análise da micro escala, da ação individual, no tempo longo das coisas. O camponês sabe que depende da terra, do acesso à terra e da oportunidade de trabalho para sobreviver, mas também sabe passar por tolo para não comprometer a sua subsistência ao mesmo tempo que usa técnicas de resistência individuais, anónimas, de sabotagem, roubo: a vingança dos fracos.

Ao mesmo tempo que se desenrola este drama existem exemplos, ao longo da história, que mostram como, ao contrário das formas de resistência “light”, moderadas pelas dificuldades da vida da condição de pobre, as revoluções, são formas de resistência organizadas coletivamente cuja eficácia depende das relações de poder que se estabelecem como resultado destas.

Estas questões políticas têm a sua origem nas questões de classe, acesso aos mecanismos de produção mas acima de tudo a questões da estrutura social e o seu sistema político, que tem como unidade principal o conceito de parentesco, território, unidades associativas.

Scott propõe que, responder à pergunta “o que conta como «resistência de classe campesina?»”, é tentar compreender a “resistência” face à opressão e que abre mais perspectivas para a real compreensão do termo por parte da antropologia política.

Argumenta que não é fácil distinguir resistência e sobrevivência: o desertor de guerra tanto é resistente contra a guerra como também quer salvar-se. Será, então, que a mistura da necessidade de sobrevivência com a complexa e sempre existente moderação das condições com as forças opressivas e as táticas usadas, a tal sabotagem e roubo, o falar mal e boatos, para não ferir a sobrevivência, acaba por ser a resistência ela mesma e com efeitos a longo prazo que vai melhorando a vida, de forma pragmática, ao mesmo tempo que vai ferindo e obriga o opressor a entrar em negociações.

Scott apresenta então duas possíveis modalidades de resistência: a Real e a Incidental, epifenomenal. A primeira é organizada, sistemática e cooperativa, tem consequências revolucionárias e tem por base ideias anti-opressão, a segunda não é organizada, não é sistemática, é individual, oportunista e indulgente. Ao descrever exemplos que à partida não têm nada de revolucionário e são até banais, como a decisão individual de desertar do exército durante uma guerra: «multiplicado por muitas vezes, atos que nunca poderiam ser classificados como políticos, podem ter consequências massivas para os Estados e exércitos». Relegar o conceito de resistência a atos coletivos e organizados é dizer que os atos de resistência individuais são insignificantes.

A resistência campesina com todas as suas nuances vem do interesse individual que não é mais do que a própria sobrevivência e da sua família. Será este interesse individual que é a resistência moral do camponês na sua luta de classe (que é o acesso e apropriação do trabalho, produção, propriedade e taxas).

*«Unlike hierarchical formal organizations, there is no center, no leadership, no identifiable structure that can be co-opted or neutralized. What is lacking in terms of central co-ordination may be compensated for by flexibility and persistence. These forms of resistance will win no set-piece battles but they are admirably adopted to long run campaigns of attrition.» (Scott, 1986: 28)*

Scott afirma que é legítimo distinguir resistência a vários níveis e formas: formal-informal; individual-coletivo; público-anónimo, aqueles que desafiam o sistema de dominação, aqueles que buscam só ganhos marginais e afirma, a meu ver com uma grande perspetiva holística, que aquilo que se estará eventualmente a analisar será o nível de repressão que estrutura o nível de quantidades de opções disponíveis. De uma outra forma, a classe dominante tem que manter um certo nível de qualidade de vida dos oprimidos para se manter a si mesma.

No entanto, a luta e história da resistência campesina mostra que nas suas bases estão os fundamentos políticos do “sonho” revolucionário da emancipação do homem, que lhe permita a

sobrevivência e reprodução sem sistemas opressivos, que deram base a teorias como o anarquismo, por exemplo. Como acrescenta Derrick Jensen, um filósofo eco-radical:

*“Traditional communities do not often voluntarily give up or sell the resources on which their communities are based until their communities have been destroyed. They also do not willingly allow their landbases to be damaged so that other resources—gold, oil, and so on—can be extracted. It follows that those who want the resources will do what they can to destroy traditional communities.”*<sup>32</sup> (Jensen, 2006)

Assim, é importante compreender as diversas formas de resistência, desde a do proletariado ao campesinato, como se manifestam e nos facultam uma melhor compreensão dos humanos, das suas culturas e sistemas políticos.

Como termina Scott:

*«The stubborn, persistent, and irreducible forms of resistance we have been examining may thus represent the truly durable weapons of the weak both before and after the revolution»* (Scott, 1986: 31)

---

32 <https://derrickjensen.org/endgame/premises/> (consultado em 13-05-2021)

## IV

### A gênese do Mercadinho do Botânico

Na sequência das deslocações que foram realizadas aos terrenos/hortas dos agricultores, acompanhadas de conversas sobre a forma de gerir este empreendimento, consegui ter uma perspectiva temporal acerca do Mercadinho do Botânico, a sua criação, gestão, manutenção, espírito e modos de estar, bem como das transformações sofridas por força de pressões exteriores ligadas a instituições públicas. Fiquei também com uma melhor ideia do que é a agricultura familiar e quais as suas especificidades, desafios e vantagens para a sociedade em geral. O tema da indústria agrotóxica foi pouco abordado, pois temos todos em mente o que representa, quais os *modus operandi* e consequências eco-sociais.

O ato fundador deste projeto alternativo remonta a 22 de Maio de 2004. Os seus principais protagonistas, que concretizaram a implementação deste movimento, caracterizam-se por terem uma sólida consciência ecológica, por defenderem uma agricultura sustentável e o desenvolvimento da agricultura biológica da região.

O Mercadinho do Botânico caracteriza-se por ser constituído por produtores provenientes de uma agricultura sustentável. Há anos que promove mostras de produtos biológicos para sensibilizar os consumidores em geral, aproveitando o pretexto da comemoração dos diferentes aniversários.

Inicialmente, o número de expositores/vendedores, provenientes da agricultura local, ultrapassava as dezenas e os consumidores as centenas. Neste momento, pelos motivos explicados no vídeo pela Carmen (reforma, avançada idade, a descoberta de outros meios de distribuição), são apenas 3 os vendedores que estão em permanência, chegando aos 7 em alguns sábados, dependendo da altura do ano.

Dos produtos à venda no mercado destacam-se as plantas aromáticas e medicinais, frutos secos, mel, sal, alfaces, tomate, batata, hortícolas diversas; o funcionamento é quinzenal, segundos e quartos sábados de cada mês.

Para o enquadramento formal, criaram a “Associação Horta Nossa do Mercadinho do

Botânico”, cientes de que, para o desenvolvimento do projeto e relação com as autoridades locais, teriam de se candidatar a apoios institucionais.

Como podemos constatar pelo Regulamento/Estatutos da Associação, não é permitida a venda de produtos transgênicos nem pesticidas.

A Carmen, nossa informante privilegiada e uma das principais fundadoras, forneceu-nos o documento que se anexa e cujos fundamentos podemos vislumbrar pela síntese aqui citada:

*“O Mercadinho do Botânico surgiu do encontro de vontades entre produtores e consumidores. Os produtores forneceriam os seus produtos amigos do ambiente e os consumidores passariam a tê-los disponíveis de forma regular. Teve início no dia 22 de Maio de 2004 e realizava-se bimensalmente aos segundos e quartos sábados de cada mês. Atualmente é bissemanal e realiza em dois locais distintos da cidade de Coimbra: o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e o Mercado Municipal do Calhabé. O Mercadinho do Botânico serve de ponto de escoamento de produtos de agricultura sustentável, incentivando o desenvolvimento da agricultura biológica na região. Permite também facilitar a procura de produtos de qualidade aos consumidores com consciência ecológica. Em termos gerais, este mercado proporciona a troca de informação de alternativas aos produtos convencionais, aumenta a consciência ambiental dos cidadãos e contribui para o desenvolvimento de hábitos mais saudáveis e amigos do ambiente. Estão disponíveis, sobretudo, produtos hortícolas da época provenientes de pequenas explorações agrícolas que se guiam por princípios de produção sustentável, sensu strictu. Propicia-se o contato direto com os produtores, de modo a minimizar o percurso dos produtos até chegarem aos consumidores, evitando tratamentos e embalagens e de modo a que o agricultor receba um preço mais justo por não recorrer a intermediários, que se reflete no preço mais acessível para o consumidor. O Mercadinho do Botânico constitui um espaço para conhecer projetos e práticas ecológicas e para a troca de ideias sobre o desenvolvimento sustentável e sobre formas de vida em equilíbrio com a Natureza. Com a evolução do Mercadinho ao longo do tempo e as exigências atuais, decidiu-se formalizar este projeto criando a Associação Horta Nossa do Mercadinho do Botânico.”*<sup>33</sup>

Como referimos no início deste relatório, o documentário produzido centra-se no registo da vida do Mercadinho do Botânico, através do testemunho de algumas das fundadoras, fundamentalmente da Carmen e da dona Preciosa. Por conseguinte, o conteúdo fundamental desta abordagem deve ser visto a partir do documentário produzido, contudo, dadas as limitações temporais, as entrevistas e conversas dos produtores e consumidores poderão ser vistas no anexo 4.

## V

---

33 Ver anexo #11

## O contexto e o campo de possibilidades: o vídeo como artefacto cultural

### *O modus operandi da produção do documentário*

Como referi anteriormente, a abertura do terreno estava facilitada pelo facto de ter um conhecimento prévio dos produtores como consumidor e frequentador do Mercadinho do Botânico, Mercadinho Biológico de Coimbra, inicialmente localizado no Jardim Botânico e posteriormente no Mercado do Calhabé.

Deste modo, comecei a acompanhar alguns dos fundadores do Mercadinho do Botânico de molde a desenhar uma estratégia para definir os informantes privilegiados que me garantissem, à partida, uma melhor compreensão das dinâmicas locais da agricultura familiar e do mundo da agroecologia.

Após a calendarização das ações configuradas pelo presente projeto, encetou-se um processo de recolha de imagens em vídeo seguindo o método etnográfico e da antropologia visual. O objetivo era obter o registo com a qualidade científica necessária para criar um objeto fílmico, que refletisse a realidade através da mediação da dicotomia objetividade/subjetividade, o Nós e o Outro e avaliar o campo de possibilidades<sup>34</sup>.

A distância entre um objeto fílmico produzido para um público geral ou para uma audiência especializada é grande. A metodologia e abordagem técnica é bastante diferente; a edição do material é feita de uma forma específica para essa audiência especializada, pois tem a função de servir de base epistemológica para a construção de conhecimento no campo da Antropologia das Culturas Visuais. Por exemplo: um documentário televisivo rege-se por barreiras rígidas como o tempo de duração, nunca mais do que 47 minutos devido ao espaço para publicidades e outros separadores, o de fantasiar para melhor representar o que se quer mostrar (docu-drama), o aspeto visual impecável e tecnicamente perfeito e provavelmente com muitas câmeras lentas (como um bom video-clip musical ou um vídeo promocional de turismo, financiado pelo estado, o qual por vezes chamam de “documentário”). No caso de um “documentário” Antropológico outros factores interessam, pois é de uma pesquisa científica que se trata: os tempos de duração dos clips individuais são mais longos, para serem melhor absorvidos, dissecados, explorados visualmente e

---

34 Conceito desenvolvido por Gilberto Velho na obra Individualismo e Cultura, notas para uma Antropologia da sociedade Contemporânea, (1987, p. 26) Jorge Zahar Editor

sensorialmente, o som ambiente é da máxima importância, e provavelmente mais importante do que a imagem no sentido em que a audição nos reporta para imagens e sentidos vários. Um bom exemplo é a acção dentro do enquadramento- em televisão interessa o resultado da acção, filmar alguém a colocar um objecto numa prateleira, filmado em plano geral, enquanto para um antropólogo a câmara ficaria fixa na cara e suas expressões, no movimento em grande plano das mãos, filmando o objecto já arrumado depois. Ou seja, os pormenores interessam mais em documentário antropológico do que documentário em televisão geral, sejam pormenores no tempo longo ou pormenores de acções e ou objectos. Um entretém e ou informa, o outro tem informação que serve para pesquisas etnográficas, seguindo uma ética de produção de conhecimento que o documentário de televisão e de massas não necessita de ter.

Como parte do terreno a filmar era um espaço público, o Mercado do Calhabé, e como era importante a câmara de filmar ser, no início, o menos intrusiva possível, estabeleci uma estratégia que obrigou a acionar um processo lento da entrada da câmara; numa primeira aproximação exploratória, passei a deslocar-me ao mercado para consumir, pois tinha acabado de me fixar em Coimbra.

O facto de já conhecer a Carmen de outros contextos, serviu para criar um laço de amizade mais forte com ela, tornando-se a informante principal sobre a génese do Mercadinho do Botânico; passamos, deste modo, a partilhar informação sobre o tema da agricultura familiar e dos grupos que se formaram para criarem espaços autónomos de escoamento dos seus produtos junto de consumidores fidelizados, que partilham o espírito aberto desse tipo de mercados, cujo primeiro exemplo foi o Mercadinho do Botânico.

### **O presente etnográfico e a importância de dar conta dos processos de aquisição dos dados**

Durante um mês desloquei-me ao mercado para me abastecer e criar laços com os vendedores, incluindo os do mercado não biológico, isto é, os vendedores habituais do Mercado do Calhabé. Fui-me apresentando, quem era e ao que vinha, informando que um dia regressaria para tirar fotos à *malta*, às hortícolas e à fruta e assim criei uma boa abertura e receptividade o que me permitiu forjar elos de confiança na maioria dos vendedores/produtores. Assim aconteceu, passei a levar a câmara de fotografar, uma Fuji XT3, com uma lente zoom 18-55mm e um

microfone canhão, para registrar momentos da vida do mercado.

Passado o inverno, pois durante dois meses e meio muito pouco se passou no mercado, comecei a filmar já munido de câmara, tripé, microfone canhão no topo da câmara, um set pequeno mas sem iluminação ou écran maior, sem assistente nem grandes malas, que funcionasse sem um quadro aparatoso.

Esta estratégia de abertura do terreno pareceu-me o ideal para me tornar menos visível e, deste modo, conseguir registrar “a verdade” da realidade sem que as pessoas ou as coisas mudassem de comportamento ou de lugar, mantendo a *performance* usual perante a câmara [Goffman, 1996:10]; no entanto, não era suposto que a câmara fosse invisível daí afirmar que estava ali com uma missão e que eles faziam parte dessa missão.

Neste tipo de documentário assumi a minha presença como fazendo parte do cenário construído para a realização do documentário, isto é, *going native* (Malinowsky, 2002: 3). Por outro lado, os atores locais não são indígenas de outro país e o estudo reporta-se a um mundo que conheço, o que pode, se bem aplicada a metodologia e a ontologia, contribuir para a produção de melhor conhecimento. Durante os primórdios da Antropologia, era defendido que para fugir à armadilha do senso comum era importante estudar algo que não se conhecia (quantas vezes enganados pelos truques dos indígenas que não conheciam).

Hoje em dia, com uma imensa literatura antropológica sobre a sociedade contemporânea, e os estudos urbanos, a observação do familiar e a aplicação de um “olhar distanciado” (Gilberto Velho, 1987: 121) contribuem para minimizar o impacto da presença do antropólogo.

## **Imagens e articulação de significados**

### **O primeiro dia da presença da câmara no Mercadinho do Botânico/ Calhabé**

No primeiro dia em que filmei no mercado, iniciei com a aquisição de produtos, como brócolos e outros legumes da época, o que me permitiu, desde logo, iniciar a conversa com os vendedores presentes; em seguida, coloquei as compras de parte e preparei a câmara, sem tripé, iniciando a gravação dos planos gerais, isto é, as imediações do mercado, a rua com o Pingo Doce

mesmo em frente, o mercado em si, as placas comemorativas que contavam uma história; em seguida, a meio da manhã, coloquei o tripé com a câmara em cima e encostei atrás da banca da Carmen e aí a deixei, sem filmar, a apontar para baixo; fiquei à conversa com as pessoas que permaneciam no mercado, fazendo perguntas aos vendedores, conversando com a Carmen; quando achei oportuno retirar-me de cena, arrumei tudo e fui para casa ver as imagens.

Esta primeira aproximação ao mercado com a câmara constituiu um excelente momento para equacionar a estratégia a adotar para conseguir a produção e edição de um vídeo que servisse de base à realização de um documentário sobre o Mercadinho Biológico, baseado nos saberes da Antropologia Visual.

### **Quando a rotina se torna uma aliada da imersão no terreno**

A partir desse momento, a câmara de filmar passou a constituir um objeto natural sempre que me deslocava ao Mercado do Calhabé/ Mercadinho do Botânico; aos sábados de manhã, deslocava-me com a câmara e à medida que ia fazendo compras, filmava os planos gerais, para não ter a câmara em cima das pessoas e os planos de pormenor das bancadas, das caixas com os produtos hortícolas, o detalhe das mãos das pessoas a agarrarem nos vegetais e a fazerem as compras e as conversas que entabulavam com os vendedores; passei a fixar a câmara e a gravar mais intensamente a Carmen na interação com os consumidores, na manipulação dos produtos e na forma como alimentava as redes pessoais.

Era óbvio que estava ali uma força da natureza que iria ser uma informante privilegiada em todo o processo de construção de uma narrativa, cuja centralidade seria uma mais valia para a produção do documentário.

Em finais do inverno desloquei-me à sua quinta em Ponte Velha (Vila Nova de Poiares) e filmei uma manhã de preparativos do circuito dos produtos, desde a origem até o mercado, bem como a viagem até Coimbra, até o Mercado do Calhabé.

Primavera: comecei a fazer as conversas espontâneas e as entrevistas não estruturadas para captar os detalhes etnográficos; gentilmente, solicitava aos consumidores que me dessem um depoimento acerca da importância do Mercadinho do Botânico e do que pensam da agricultura familiar e da agroecologia em geral.

A abordagem requer sempre um toque de sensibilidade, ao mesmo tempo que uma certa coragem para incomodar estes urbanitas que ali fazem as suas compras; com uma rápida abordagem, já com a câmara no tripé pronta a gravar, prometi ser breve e expliquei que era para um trabalho académico e da importância em registar os seus depoimentos; iniciei sempre a abordagem com um pedido de autorização para, se assim o justificasse, poder usar as suas imagens para um vídeo promocional/documental do Mercadinho do Botânico, o qual seria exposto no *Youtube*, o que mereceu a concordância de todos.

A fórmula usada para as conversas/entrevistas é baseada no “quem” “aonde” “porquê” e qual a importância; as pessoas têm noção do que representa a câmara e agem em conformidade.

De facto, em 2022, dezassete anos após a invenção dos *smartphones*, a maioria da população tem uma relação diferente, mais aberta, com a presença da câmara e com a existência do *Youtube*.

### **Representação de um imaginário quotidianamente recriado e em movimento**

Em junho mudei de residência para a casa de família da Aldeia, a 30Km da cidade de Coimbra, a 10km da casa da Carmen, a 2Km do Bernardino e a 17Km da D. Preciosa, os três informantes privilegiados, cujas narrativas são o substrato do documentário e que têm em comum serem fundadores do Mercadinho do Botânico.

Comecei a fazer encomendas semanais de produtos biológicos com entrega em casa, aos sábados de manhã. O Bernardino, que trabalha num regime de agricultura biológica familiar, possui uma lista de clientes, cujas encomendas são colocadas em cabazes e entregues ao domicílio; foi um dos membros do Mercadinho do Botânico.

Assim, combinei com ambos, a Carmen e o Bernardino, um calendário para a minha deslocação aos seus terrenos e realização das entrevistas exploratórias. Nestes *raids* ao terreno utilizei o equipamento básico para não incomodar nem transformar uma conversa numa produção de TV; a família do Bernardino teve mais dificuldade em não demonstrar o nervosismo pela presença da câmara, contudo, com a Carmen foi um fluir natural da entrevista, talvez mais

habituada a ser confrontada com este tipo de abordagem.

A Carmen manifestou uma grande abertura para contar a sua história de vida, os acontecimentos que motivaram a sua vinda e fixação em Portugal; mas o essencial da entrevista esteve centrado na motivação para a criação do Mercadinho Biológico, os fundamentos ideológicos e políticos da agricultura na Europa e em particular em Portugal, acerca dos subsídios do Estado que deturpam o real valor deste tipo de agricultura, dos agrotóxicos, da agricultura de proximidade e da questão da certificação bio.

A D. Preciosa, a vendedora mais antiga do Mercadinho do Botânico, recebeu-nos igualmente em sua casa, local onde gravamos uma conversa em que se falou da sua história de vida, de como e porque se dedicou à agricultura biológica, sobretudo às ervas aromáticas, e da sua experiência como vendedora no Botânico com o Mercadinho. De notar que tanto a D. Preciosa como a Carmen iniciaram atividades já depois dos 50 anos de idade.

Com a família Céu e Bernardino, os quais também já conhecia pessoalmente, pois instalaram-se na minha aldeia há uns anos, combinamos uma tarde para se fazer a conversa gravada e uma visita a um dos seus terrenos, aonde cultivam as hortícolas; aqui utilizei o *drone* para fazer umas fotos aéreas, pois a perspetiva supra-humana da visão de pássaro dá-nos uma outra noção da organização do território, das geometrias da intervenção humana e neste particular da disposição da horta. A entrevista, conversa, durou quase duas horas, conversamos brevemente acerca das suas origens, que não são camponesas ou rurais, das suas motivações para fazerem da agricultura biológica familiar a principal atividade como modo de vida; outros temas abordados foram os processos de certificação, o adesão e saída do Mercadinho e a sociedade em geral, como as alterações climáticas e perspetivas de futuro.

O documentário, que constitui o trabalho final de projeto, procurou captar fragmentos de novos sistemas e práticas de produção e de consumo de proximidade, que têm por base a agroecologia e a agricultura familiar, cenários propícios a uma mudança de paradigma na sociedade portuguesa.

Foi precisamente na fase de edição do material filmado que se iniciou o processo de descoberta do conteúdo e seu valor etnográfico, o valor da informação recolhida como material de pesquisa para além de confirmar o valor da recolha áudio visual como método válido e essencial para a criação de conhecimento.

Transformar quatro horas de entrevistas e duas horas de material diverso (apanhados gerais dos campos, do mercado, da cidade; pormenores ligados aos sentidos como as cores, as disposições dos vegetais, o som ambiente) num videograma que consiga, de certa forma, captar e mostrar o *Zeitgeist*, para além de conter informação útil e isto em menos de 45 minutos de vídeo editado, é um processo intenso e demorado. A escolha de sequências, o não usar imagens de grande beleza pois já não cabem ou porque podem sair do contexto é sempre algo que doi; poderíamos dizer que, pelo menos pela minha experiência em editar documentários em que não existe um guião, algo essencial em ficção, é um processo parecido com o dar à luz.

Depois de lutar com o programa de edição de vídeo, em que se tentam diversas abordagens criativas de acordo com o público alvo ou com o resultado pretendido, fazendo assim diversas versões possíveis de um vídeo documentário, finalmente ao haver a decisão de que está pronto e que não se deve mexer mais, temos no final desse longo processo esse filho recém nascido que mostra que o suor e lágrimas deram lugar a um objeto fílmico decente e com conteúdo e que finalmente podemos fazer um sorriso e mostrar ao mundo a obra terminada (mesmo sabendo que provavelmente é o início de construção de uma obra maior, ou parte de um processo de aprendizagem).

Neste caso, mais importante do que seguir uma linha cronológica dos acontecimentos, como seria de esperar numa reportagem, segui uma certa narrativa de sentidos. Ao iniciar o vídeo com simples observação não comentada, os sentidos têm a hipótese de explorar memórias olfativas ou sonoras (o odor dos legumes frescos, o som do campo).

Como a proposta inicial era a de explorar a história do Mercadinho do Botânico, e assim uma história de construção e manutenção de um grupo de cidadãos com vontades e ideais em comum, que mostrasse a realidade de quem escolhe a agricultura familiar como atividade principal e a importância destas formas de produção e distribuição, o seu impacto na natureza e na sociedade, assumi na edição de vídeo que tínhamos de facto um personagem principal que é especial e que poderia servir de elo que liga a história do Mercadinho do Botânico e as histórias de vida com a questão da agroecologia/agricultura familiar (a questão dos certificados, por exemplo)- a Carmen. Informante privilegiada e que sem o seu apoio teria sido impossível fazer metade do que se fez. Muito da produção do documentário vive então do tal "*serendipity*", de um acaso feliz, ou, como mostra a ciência da física quântica: o facto de observar uma partícula muda o comportamento da partícula- o acaso (*serendipity*) foi provocado pela presença do antropólogo e

da câmara: este só tem que estar treinado para saber reagir em conformidade.

Assim, e porque a ideia não era fazer um vídeo meramente observacional, sem comentários nem entrevistas, o que poderia ter sido feito na medida em que as imagens gravadas poderiam servir de base para uma investigação escrita e as entrevistas poderiam ter sido feitas só com gravação de som e transcrição que seriam também usadas na investigação e posterior escrita de uma tese ou relatório. No entanto, a presença visual e sonora da informante privilegiada é por si só interessante e cheia de simbologia- a mulher forte, a mulher que organiza, a mulher que faz, a mulher que tem opinião forte acerca das suas crenças e vive de acordo com isso e em contacto direto e próximo de pares com ideias e ações idênticas no mundo das agroecologias. Era essencial a ligeira mudança no esqueleto do documentário- a tal *imponderabilia* da vida real- e usar a presença da Carmen como *leitmotif*, fio condutor, para apresentar a história e desígnios do Mercadinho do Botânico, para além da problemática da agricultura familiar com ou sem certificado biológico (o Bernardino fala no processo de auto-certificação, em que é a relação humana entre produtores e consumidores que faz a certificação da qualidade dos produtos), as lutas por manter o livre espírito original contra uma tentativa de institucionalização que acabou por quase destruir o conceito original, conceito esse que a pandemia de Covid acabaria por desferir o golpe final, ao ser a desculpa para tirar do botânico um Mercadinho de sucesso, quando o facto de ser ao ar livre contrastava com o espaço fechado dos supermercados, podendo então ser levantadas as suspeitas de que outras forças fizeram um esforço para acabar com o Mercadinho do (no) Botânico. Poderíamos suspeitar que o aparecimento de várias lojas físicas, como as duas lojas do Celeiro (implantadas nas duas maiores catedrais de consumo de Coimbra- o Fórum (com o Continente) e o Alma (com o Jumbo/Auchan), mais as outras lojas que apareceram na última década como a Bioescolha- fazendo assim alguma concorrência numa cidade pequena, mas com grande presença de uma classe média com hábitos de consumo baseados em uso do automóvel e das grandes superfícies comerciais.

O sucesso do Mercadinho do Botânico pode ter sido um dos catalisadores para o aumento da procura destes produtos, ao mesmo tempo que é inimitável a experiência de consumo, como aliás dizem as pessoas entrevistadas- a relação humana de um mercado ao ar livre é completamente diferente da experiência em espaços fechados com luz artificial e com “colaboradores de loja”, como gosta o neo-liberalismo de chamar a trabalhadores assalariados a recibos verdes e precários.

Em conversa com a Carmen, ela explicou que não vão voltar ao Jardim do Botânico por razões simples- são neste momento só três produtores a vender em mercado- e isso faria um mercadinho muito pequeno e fraco. Como refere nas entrevistas, são cada vez menos, ou porque se reformaram destas lides devido à idade, ou porque encontraram outras formas de distribuição e venda, como no caso do Bernardino. No entanto, explicou-me recentemente que o Botânico tem nova direção, já fizeram o convite para se voltar ao Jardim. Foi recusado devido ao que apontei acima. No entanto, serão organizados mercados/eventos pontuais, em que o foco não é tanto nas hortaliças frescas mas sim em produtos transformados ou específicos (como as nozes, o mel, o sumo de uva, cosméticas naturais). Aconteceu um em Outubro deste ano, o próximo será a meio da Primavera. Perguntei se estes encontros podem servir para o surgimento de um novo grupo e que isso seja o trampolim para voltar a haver o Mercadinho do Botânico no Jardim Botânico, ao que a Carmen respondeu que sim, que é possível, mas que como entende que Coimbra é um caso especial no panorama nacional- apontou a mentalidade dos doutos doutores e seus apartamentos modernos e carros caros que preferem o Celeiro pois é ao lado do Continente, e uma certa destruição do tecido social de uma cidade em decadência cultural (o caso do novo autocarro elétrico que pode circular em pistas de BUS, mas que ao inverso de uma solução simples a opção por um “metrobus” que deixou Serpins/Lousã sem comboio mais de uma década, e em que se abatem plátanos de 100 anos contra tudo e todos (com mais 650 árvores marcadas para abate) pois existe a recusa de mudar 50cm o canal desnecessário do *metrobus*) é revelador do pior que existe na nossa sociedade e na nossa cultura em que as consequências são, de acordo com todos os atores culturais e científicos da cidade, catastróficas, tanto ambientais, como culturais. Parece que a lei do cimento e obras públicas manda mais do que o conhecimento acerca dos problemas eco-sociais e as soluções apresentadas por quem estuda estes fatores (arquitetura urbana, sociologia, antropologia, gestão associativa e opinião de grupos ambientais locais - como a IRIS ou a Climação-Centro <sup>35</sup>) e nunca aplicadas pelo Estado ou autarcas locais, numa subserviência a modelos que estão já ultrapassados- qual a cidade europeia que em 2020 expulsa um mercado biológico de um jardim, que corta 650 árvores para passar um sistema “ecológico” de transporte urbano? É um facto de que Coimbra só recentemente tem uma massa crítica cada vez mais organizada e pro-ativa, mas os males feitos por uma elite corrupta estão bem vincados e penetraram muito dentro de uma psique de uma cidade quase morta, em que o modernismo à novo rico é o elemento destruidor de um urbanismo que se quer inclusivo e respeitador da vida

---

35 Anexo 7

em geral.

Um Mercadinho Biológico do e no Botânico, ou em qualquer outro Jardim da cidade, é sinal de uma cidade vibrante e acordada. A falta de pessoas que o façam acontecer pode revelar algo de grave no tecido social das Beiras, a única região sem AMAPs. Isso é caso para uma investigação que não cabe neste trabalho. Mas é de facto visível. Quiçá a monocultura super intensiva tenha de facto destruído mais do que se pensa em relação à cultura em geral nas Beiras.

## **Análise aos objetivos da pesquisa:**

### **Objetivo principal:**

*(Realizar um documentário etnográfico, baseado nos fundamentos da Antropologia Visual, que permita uma análise e reflexão sobre os mecanismos de funcionamento dos micro-sistemas agroecológicos, de agricultura familiar, que se enquadram nos movimentos de ativismo pela soberania alimentar e contra a degradação ambiental e social.)*

O objetivo principal, no meu entender, foi cumprido. Em relação ao Trabalho de Projeto, seu Relatório Final e Documentário. No entanto, o espírito com que entrei numa licenciatura de Ciências Sociais (Antropologia Social e Cultural) e posteriormente num mestrado de Antropologia dedicado ao método antropológico que é a antropologia visual, foi o de um ativista de questões sócio-ecológicas praticante, já no terreno, em que o pior que pode acontecer é produzir trabalhos acadêmicos para receber uma nota e ter um certificado e ver esse mesmo trabalho perder-se em bibliotecas e repositórios do mundo acadêmico, nunca chegando ao lugar certo- a cidadania pro-ativa, o dar visibilidade (com ciência) via vídeo ativismo a causas populares de defesa da natureza, ou contra o totalitarismo do modelo neo-liberal. Ou seja: cumprida a meta da aprendizagem através da ação (a investigação que fiz ao mundo da agroecologia via estudo de caso – o Mercadinho do Botânico, o preparar de um projeto e sua calendarização, o ir filmar e posterior edição de um documentário que tenha em si muito do aprendido), continua o objetivo geral de transformar as metas em outras metas (a resposta à pergunta é a descoberta de uma pergunta melhor) e assim levar avante a continuidade deste projeto- continuar a investigação do que é a agroecologia e seus impactos, como ajudar a promover (via vídeo) a causa, como ajudar a melhorar ou a manter as relações entre os diversos grupos de ação agroecologista através das ferramentas audiovisuais.

Então, o objetivo maior continua para além deste trabalho de mestrado, ao espírito da Antropologia Pública. Digamos que este mestrado serviu de catapulta para fazer melhor o ativismo, fazer melhor a antropologia visual, a Antropologia e nesse sentido, como imagino que alguns professores também o saibam pois foram eles que me avisaram deste mestrado, servir melhor a causa da transformação eco-social para um mundo melhor, nestes tempos de graves conflitos entre os Homens e entre a humanidade e a Natureza. Com esta antropologia ativista consigo assim devolver o trabalho à sociedade em geral.

Então considero que foi cumprido o objetivo de fazer *“uma análise e reflexão sobre os mecanismos de funcionamento dos micro-sistemas agroecológicos, de agricultura familiar, que se enquadram nos movimentos de ativismo pela soberania alimentar e contra a degradação ambiental e social.”*

### **Objetivos específicos:**

*1- Produzir um vídeo documental, utilizando a gramática da Antropologia Visual, a partir do estudo de caso do Mercadinho do Botânico/ Mercadinho Biológico de Coimbra e destacar o papel dos atores locais nos processos, estratégias, dinâmicas e práticas de agricultura familiar.*

*2- Conhecer o potencial e o impacto das dinâmicas de autonomia alimentar na mudança de paradigma de modelos de produção e de consumo baseados na agroecologia dos produtores do Mercadinho do Botânico/Mercadinho Biológico de Coimbra.*

*3 - Indagar se existem modelos de regeneração e de transformação da paisagem e território a partir da experiência agroecológico.*

1- O vídeo foi produzido ao longo de 10 meses, e no final da edição, uma vez pronto, concluímos que, de facto, conseguimos *“destacar o papel dos atores locais nos processos, estratégias, dinâmicas e práticas de agricultura familiar.”* através do tal *“jeito de cintura”* em que conseguimos ver para além do Mercadinho do Botânico como espaço físico, dando protagonismo e voz aos atores locais como a Carmen, também eles co-realizadores do documentário

2/3- estes dois objetivos foram, de certa forma, alcançados com a entrevista à Céu e Bernardino, que serviram-me de base para ir então explorar o panorama da agroecologia nacional e internacional, questão para a qual estava já motivado desde 2019, quando comecei a filmar este movimento quase invisível mas que tem um grande impacto na sociedade (as tais revoluções silenciosas). Uma investigação mais densa, digna de um doutoramento, era o passo seguinte, esse passo não me parece que o dê *ipsis verbis* mas, no entanto, já o estarei a fazer (a investigação) e proponho-me continuar a fazer através dos meios audiovisuais, inspirado pela antropologia visual, como se pode observar pelos meus *vídeos ativismo* recentes<sup>36</sup>.

## **VII**

---

36 Anexo 5

## Notas finais

### I

O presente relatório constitui uma peça acessória e complementar do objetivo central do trabalho desenvolvido na área da antropologia visual, ou seja, a realizar um vídeo etnográfico sobre o Mercadinho do Botânico, que permita uma análise e reflexão sobre os mecanismos de funcionamento dos microssistemas agroecológicos e de agricultura familiar.

Parafraseando Humberto Martins (2013)<sup>37</sup>, estas notas finais visam liquidificar a solidez de conclusões finais (sempre precárias à luz do reconhecimento da circunstancialidade histórica de cada observação e dos próprios “decisivos” imponderáveis da vida quotidiana, dos quais enquanto investigadores também fazemos parte).”

O pano de fundo deste trabalho contou com um leque de obras de autores sem os quais seria muito difícil fazer as pontes entre a realização de um registo filmado de um fragmento da realidade social e a antropologia.

### II

A beleza de se fazer documentário é, sem duvida, a falta de direção de atores- o oposto da ficção- e estar a viver permanentemente em cima dos *imponderabilia* da vida real, o que requer alguma rapidez na perceção do que se passa à nossa volta, um “jogo de cintura”, para se saber se é de se filmar ou não. E estar preparado para mudar todas as ideias iniciais- mantendo, claro, o foco no assunto principal. Algo que aprendi desde o meu primeiro documentário<sup>38</sup> são os tempos- em ficção tudo está preparado, cronometrado. Em documentário acontece o oposto- em 2002 estava eu no Bairro Estrela d’África a filmar uma rua estreita dentro do bairro, só as paredes, as cores, o som ambiente de uma ruela sem ninguém. Encostei-me à parede para servir de tripé, e comecei a

---

37 Cf. artigo da Revista Etnográfica (CRIA, vol.17 (2), Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia. Notas críticas em tempos de audiovisualização do mundo

38 Anexo 8

gravar a ruela- após 10 segundos, o tempo mais do que suficiente para captar um clip da ruela, continuei a gravar- como um plano contínuo longo se tratasse- o que se passou a seguir foi esclarecedor e uma aula para mim (a tal *serendipity*): do nada abre-se uma porta e sai uma mulher que fala algo para o ar, do ar surge um escadote e depois uma pessoa a descer, passam entretanto a correr várias crianças, abre-se uma janela e alguém fala com a mulher, ou seja, o olhar etnográfico, a decisão de deixar a câmara a gravar o nada que se passava, a missão de quem filma era isto- estar ali e apontar a câmara- a realidade tratava do resto, como tão bem tratou. O resto era com a edição de vídeo- respeitar os tempos, deixar as imagens respirar, tentar manter inalterada a realidade do que aconteceu em frente à lente. Esse momento, que não poderia nunca ter sido escrito por um guionista, nem poderia ter sido filmado se estivesse a fazer uma reportagem, foi dos momentos mais mágicos que encontrei enquanto filmava e da maravilha de ver acontecer e estar lá para o registrar, cimentou-se em mim a vontade de fazer documentário como arte.

Agora, com a aprendizagem da antropologia visual aliar a arte visual ao conhecimento científico, usando da linguagem cinematográfica (um mistério para os cientistas sociais, enquanto as ciências sociais também são um mistério para cinematógrafos) fiquei com muito mais ferramentas para estas lides.

Quiçá fica assim respondida a minha pergunta no primeiro ano do curso de Antropologia- qual a diferença, a distância, entre um objeto artístico cinematográfico e um documentário científico à lá antropologia visual? É a união entre estas duas ciências e artes. Um documentário com características científicas (seja no método seja no conteúdo) não tem que ser aborrecido, nem um documentário com características de arte cinematográfica tem de estar vazio de questões ou visões da Antropologia.

Chegamos, assim, à conclusão de que um curso de Antropologia em que se ensina também o método de pesquisa e de criação de conhecimento que é a Antropologia Visual terá que ter efetivamente uma ligação à escola de cinema e vice-versa. Não se criam Antropólogos visuais sem se ensinar cinema ou fotografia: faz sentido o que diz Humberto Martins quando refere que os planos de estudo de mestrados em Antropologia Visual devem ter unidades curriculares que ensinem a fazer vídeo, cinema, a usar as tecnologias e que necessitam de um laboratório associado.

O filme etnográfico ou o documentário conta com ferramentas tecnológicas mais acessíveis

financeiramente e mais sofisticadas, podendo contribuir para um forte avanço no processo de construção de conhecimento em antropologia social e cultural. (Martins, 2013: 410)

Como refere Martins, o contexto atual de áudio visualização crescente do mundo tem efeitos nas sociedades, nos indivíduos e na própria ciência antropológica. A “facebookização” das relações e interações sociais e o sobretelevisionamento dos detalhes quotidianos das vidas individuais e familiares têm originado uma espetacularização extrema dos fenómenos individuais e sociais. Estes mecanismos levam à própria produção identitária individual e coletiva em processos mediatizados. (Martins, 2013: 412)

Estes fenómenos sociais estão facilitados por uma democratização no acesso aos meios de produção (os smartphones são um bom exemplo disso). Este facto permite uma globalização da representação e do direito à auto representação audio visual (o exemplo do cinema indígena como podemos ver no projeto “Vídeo nas Aldeias”<sup>39</sup> é um suporte privilegiado para a reconstrução identitária.

Martins refere ainda, em termos metodológicos, a câmara/ ator de Jean Rouch , em torno de questões como a “autoria partilhada” e de dar voz aos outros com reconhecimento da sua “copresencialidade”.

*“Rouch começou a incluir o operador de câmara no enquadramento dos seus planos. Esta decisão não teve que ver apenas com uma opção estética e/ou política (ética também). Nessa câmara que também nos mostra antropólogos que perguntam coisas de certa forma a outras pessoas, revejo um “movimento” epistemológico (ético e político) fundamental com vista ao reconhecimento, porventura tardio, de que a antropologia é feita com pessoas e por pessoas e de que o trabalho de campo, apesar do tempo longo e da proximidade, não garante objectividade, ajudando, pelo contrário, a situar devidamente as diversas subjectividades que resultam dos múltiplos encontros que ocorrem no trabalho de campo. Penso que esta é, de facto, uma das grandes virtudes de trabalhar com o audio visual.”* (Martins, 2013: 412)

Algo ficou para além de uma investigação e produção de documentário: os contactos humanos realizados. Estes são agora parte da minha rede de amigos e são eles próprios que afirmam que darão todo o apoio para a continuidade desta investigação, que se sabe necessária devido à visibilidade que dá à causa, para além da importância que confere aos atores da agroecologia, dando assim atenção e energia para a produção, num futuro não longínquo, de um documentário ou mesmo séries (o Youtube ou afins assim o permite- vídeos documentários de 20 minutos, cada um dedicado a um tema específico, em vez de tentar resumir tudo num

---

39 [https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%ADdeo\\_nas\\_Aldeias](https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%ADdeo_nas_Aldeias) (consultado em 18-06-2022)

documentário de hora e meia). Em novembro próximo (6-11-2022) irei marcar presença no “9º congresso da CNA e da Agricultura Familiar” em Viseu dando, assim, continuidade à investigação acerca deste tema estruturante.

O comunicado da CNA é revelador das preocupações que estão acima da mesa:

*“O 9º Congresso da CNA e da Agricultura Familiar realiza-se a 6 de Novembro, sob o lema “Concretizar o Estatuto, Defender a Agricultura Familiar, Lutar pela Soberania Alimentar”. O encontro da CNA – Confederação Nacional da Agricultura ocorrerá no Pavilhão Multiusos de Viseu, a partir das 9h30.*

*Explica a direcção da CNA que “a pandemia de Covid-19, as subidas brutais dos preços dos factores de produção (ex.: combustíveis, electricidade, fertilizantes, rações...), a situação de seca, a instabilidade dos mercados internacionais, a inexistência de concretização do Estatuto da Agricultura Familiar, os prejuízos causados por animais selvagens e fenómenos extremos e a aplicação da nova Política Agrícola Comum são algumas das questões que colocam grandes preocupações às agricultoras e aos agricultores”.*

*E acrescenta que “é nesta situação difícil para a agricultura portuguesa que a CNA e filiadas exaltam a força, o trabalho e a combatividade das agricultoras e dos agricultores com a realização do 9.º Congresso da CNA e da Agricultura Familiar”.*

*Salienta ainda a direcção da Confederação Nacional da Agricultura que este será um encontro para “defender a produção nacional e os rendimentos dos agricultores”, onde se vai “discutir e apontar caminhos para melhores políticas para a agricultura, em particular para a Agricultura Familiar, pela soberania alimentar do País e por um Mundo Rural vivo”<sup>40</sup>*

Ao contactar a direcção da CNA, ao falar com alguns agricultores (Carmen e Bernardino incluindo) e ao lançar a ideia de que a produção de um documentário, que dê visibilidade a esta causa e que inspire outras pessoas a enveredarem por estes caminhos da Agroecologia, percebi que existe o interesse em apoiar este tipo de produção audiovisual e investigação. Os trabalhos de vídeo ativismo que tenho realizado nos últimos anos servem, assim, de prova dada da urgência e do impacto. Sinto aqui a acontecer a tal antropologia pública via a antropologia visual, o que para este ativista de causas eco-sociais é, sem dúvida, o caminho e a ferramenta a usar para a tal revolução silenciosa que se passa constantemente debaixo dos pés- e sim, a terra treme quando os Homens sonham<sup>41</sup>.

## **Bibliografia / Revisão bibliográfica**

40 <https://www.cna.pt/news/show/549.html> (consultado em 30 setembro 2022)

41 Musica “Semana Sangrenta” pelo Coro da Achada, Centro Mário Dionísio- anexo 9

AGROBIO (2020) O que é a agricultura biológica? <https://agrobio.pt/agricultura-biologica/o-que-e/>. (Consultado a 23/05/2021)

Agroforestry Network, (2020). Agroforestry, food security and nutrition. [https://agroforestrynetwork.org/database\\_post/agroforestry-food-security-and-nutrition/](https://agroforestrynetwork.org/database_post/agroforestry-food-security-and-nutrition/) (Consultado a 26/11/2020)

ALKON, Alison Hope & Julie Guthman (2017) *The New Food Activism\_ Opposition, Cooperation, and Collective Action*, University of California Press

AFONSO, Ana Isabel (com Bayre, Francesca and HARPER, Krista eds.) (2016) "Participatory approaches to Visual Ethnography, from the Digital to the Handmade. An Introduction". In *Visual Ethnography, Special Issue*, Vol. 5, N.1, pp. 1–13, [www.vejjournal.org](http://www.vejjournal.org) ISSN Print 2499-9288, ISSN Online 2281-1605 DOI: 10.12835/ve2016.1-0056.

AFONSO, Ana Isabel (colaboração M.J. Ramos) (2004) «New Graphics for old stories: representation of local memories through drawings» in Sarah Pink, Laszlo Kurti and Ana Isabel Afonso (eds.) *Working Images*, pp. 72-89. ISBN: 0-415-30654-X (Pbk), (com arbitragem científica).

BARBOSA, Andrea (2014) "Imagem, Pesquisa e Antropologia" in *Cadernos de Arte e Antropologia*. Vol 3, n.2.

BARRET, Stanley, (2013) [2009], *Anthropology. A Students Guide to Theory and Method*, Toronto, University of Toronto Press

BARTHES, Roland (1984) *La cámara clara, nota sobre la fotografía*, Nova Fronteira  
Counihan, C., & Siniscalchi, V. (Eds.) (2013) *Food activism: Agency, democracy and economy*. Bloomsbury Publishing.

BINET, Michel; RULLAC, Stéphane; PINTO, Tânia (2020) - La co-enquête microethnographique : Un moteur de la scientification du travail social. *Intervenção Social*. 55/56, pp 167–200.

BINET, Michel (2013) - Análise da Conversação etnometodológica e Investigação em Serviço Social: preliminares teórico-metodológicos. *Intervenção Social* n. 41, pp 71–91.

CABO, Paula; Matos, Alda; Fernandes, António; Ribeiro, Maria Isabel (2016) Portugal biológico: retrato da agricultura em modo de produção biológico em Portugal. In VI Congreso International de Agroecologia. Vigo. pp. 88-101 <http://hdl.handle.net/10198/14006>

COSTEIRA, Isilda Guedes (2018) Atitude do consumidor português em relação ao rótulo biológico. IPAM - Porto - Dissertação de Mestrado, <http://hdl.handle.net/10400.26/24436>

CORDEIRO, Graça Índias (1997) *Um Lugar na Cidade, Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*, Publicações D. Quixote

CROSSMAN, Ashley. (2020, August 27). The Presentation of Self in Everyday Life. Retrieved from

<https://www.thoughtco.com/the-presentation-of-self-in-everyday-life-3026754>

DELGADO, Cecília Maria (2020), Alimentar Boas Práticas, CICS.Nova  
<http://hdl.handle.net/10362/110409>

DESCOLA, Philippe, (2013) [2005], *Beyond Nature and Culture*, Chicago, The University of Chicago Press, pp 112-125.

DIAS, Jill R., (1997), *Entre arte e ciência ou o etnógrafo como herói romântico: Malinowski e o trabalho de campo antropológico*, Etnologia, nº6-8, Cosmos, pp 39-53

DURKHEIM, Émile, (1976) [1912], *The Elementary Forms of Religious Life*, London, George Allen and Unwin

ENCARNAÇÃO, Miguel Francisco Silva (2020) Práticas Agroecológicas em Portugal: Escalas, Intensidades, Mitigação e Adaptação, Escola Superior Agrária de Bragança

European Parliament and Council, (2013). Regulation (EU) No 1305/2013 of 17 December 2013 on support for rural development by the European Agricultural Fund for Rural Development (EAFDR) and repealing Council Regulation (EC) No 1698/2005, OJ L 347, 20.12.2013, pp. 487-548.  
<https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2013:347:0487:0548:EN:PDF>

FAO, (2018). The 10 Elements of agroecology – guiding the transition to sustainable food and agricultural systems. FAO, Rome.

FAO, (2014). Family farmers, feeding the world, caring for the earth. FAO, Rome.

FRADIQUE, Teresa, (1997), *Etnográfica*, vol. 1 (2), pp 339-345

GLIESSMAN, S.R., (2018). Defining Agroecology. *Agroecology and Sustainable Food Systems*. 42(6), 599-600. <https://doi.org/10.1080/21683565.2018.1432329>

GOFFMAN, Erving, (2004) [1959], *The Presentation of Self in Everyday Life*, ed Xavier, Ismael.

GOFFMAN, Erving, (1999), *Os Momentos e os Seus Homens*, Relógio D'água Editores.

GUERA, J. (2005) *Agricultura Biológica: Regulação, protagonistas e valores sociais*. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa, através do Instituto de Ciências Sociais.  
<http://hdl.handle.net/10451/2250510>

HAENN, N. & R. Wilk, (2005) *The Environment in Anthropology: A Reader in Ecology, Culture, and Sustainable Living*, New York University Press

HARPER, Krista e AFONSO, Ana Isabel (2019) "Food Values in a Lisbon Urban Garden: Between

*Sabor, Saber, and the Market. In Valeria Siniscalchi e Krista Harper (Eds) Food Values in Europe. Bloomsbury Publishing: 17-32.*

HASTRUP, K. Eds. (2013) *Anthropology and Nature*, Routledge

Indagações em torno de Eduardo Coutinho e seu diálogo com a tradição moderna, *Comunicação e Informação*, V 7, n° 2: pp. 180 -187.

JENSEN, Derrick, (2006) *End Game*, volume 2: Resistance, Seven stories press

JURIS, Jeffrey S. (2007) *Practicing Militant Ethnography with the Movement for Global Resistance in Barcelona* (pp.164-176), *Constituent Imagination: Militant Investigations, Collective Theorization*, Stephen Shukaitis and David Graeber (Eds.). Oakland, Calif.: AK Press, pp. 164-176.

LATOUR, Bruno, (2005), *Reassembling The Social. An Introduction to Actor- Network Theory*, Oxford, Oxford University Press

MacDOUGALL, David (1997) *De quem e esta estória?* in *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n.5, pp 93-105.

MARIAN, Oxana (2018) *Tendências de consumo de alimentos biológicos : estudo do cliente do El Corte Inglés*, NIMS <http://hdl.handle.net/10362/57724>

MARCUS, George, (1998) [1995], *Ethnography in/ of the world System. The Emergence of Multi-sited Ethnography*.

MARTINS, H. (2013) *Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia: notas críticas em tempos de audio visualização do mundo*. *Etnográfica*. 17(2):395-419.

MALINOWSKI, Bronislaw, (2002) [1922], *The Argonauts of Western Pacific*, pp. 1-19

PINK, Sarah (2009) *Doing Sensory Ethnography*, Sage publications Ltd

PINK, Sarah (2006) *The Future of Visual Anthropology: Engaging the Senses*, Londres, Routledge

RIBEIRO, José da Silva (2005) *Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação*. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP. 48(2)pp. 613-648

RIBEIRO, José da Silva (2007) "Jean Rouch, Filme Etnográfico e Antropologia Visual" in *Doc Online*, n. 3, pp 6-54.

ROSSET, P.M., (2015). *Social organization and process in bringing agroecology to scale*. In: *Food and Agriculture Organization of the United Nations. (Ed.), Agroecology for food security and nutrition*. FAO, Rome.

SANTOS, Tomás Filipe Venâncio (2014) *Fatores de motivação e de limitação da compra de*

produtos biológicos. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão. <http://hdl.handle.net/10400.5/8789>

SCOTT, J. C. (1986) "Everyday forms of peasant resistance", *Jornal of Peasant Studies*, pp. 13

SEEGER, Anthony, (2008), *Long-Term Field Research in Ethnomusicology in the 21st Century*.

VELHO, Gilberto (1986) *Individualismo e Cultura, notas para uma Antropologia da sociedade Contemporânea*, Jorge Zahar Editor

YANEZ CASAL, Adolfo (2005) *Entre a Dádiva e a Mercadoria. Ensaio de Antropologia Económica*. Edição do Autor

XAVIER, Ismael, (2004), *Indagações em torno de Eduardo Coutinho e seu diálogo com a tradição moderna*, *Comunicação e Informação*, V 7, n° 2: pp. 180 -187.

## **Anexos**

## #1

(vídeos produzidos por mim)

Algarve: <https://youtu.be/vSutLXvRW3k>

Alentejo: <https://youtu.be/ZToXYc405sM> e <https://youtu.be/Rkh5A4pu52g>

Boticas e

Montalegre (Barroso); [https://youtu.be/Gsx\\_EyVa3Lk](https://youtu.be/Gsx_EyVa3Lk) e [https://youtu.be/UuPI9N-s\\_Aw](https://youtu.be/UuPI9N-s_Aw)

## #2

Trailer do documentário premiado “Eternal Forest” realizado pela Evgénia Emets:

<https://youtu.be/H65Iy3RHOi4>

Site da artista: <https://art-earth.org.uk/evgenia-emets/>

## #3

Vídeos de arquivo (com mais de 7 anos) no YouTube acerca do Mercadinho do Botânico:

O botânico e o mercado:

[https://www.youtube.com/watch?v=9NzvDJR\\_ez4](https://www.youtube.com/watch?v=9NzvDJR_ez4)

Entrevistas a consumidores:

<https://www.youtube.com/watch?v=ox0d83dTxCY>

<https://www.youtube.com/watch?v=EFulp7wa-5Y&t=7s>

Vídeo da Associação Animar acerca da importância das cadeias curtas na valorização dos produtos locais, com a intervenção da Carmen Staats:

<https://www.youtube.com/watch?v=EFulp7wa-5Y&t=7s>

Reportagem da RTP (Programa Biosfera):

<https://www.youtube.com/watch?v=AkhR3U05JZg>

Panorama geral ( vídeo no 10º aniversário do Mercadinho):

<https://www.youtube.com/watch?v=tsHkb2VTZ5g>

vídeos da FAO:

[https://www.youtube.com/channel/UCtu8MkufmVgxS8\\_Ocl7mMig](https://www.youtube.com/channel/UCtu8MkufmVgxS8_Ocl7mMig)

## #4

Da recolha de imagens feita, o link para as conversas e entrevistas integrais e sem cortes da Carmen, D Preciosa, Céu e Bernardino:

<https://e1.pcloud.link/publink/show?code=kZsKD8Zz6xdiGGBTIJBCx00MON1qhNREoSV>

## #5

## Lista de vídeos produzidos por mim, ativismo ecológico:

[https://youtube.com/playlist?list=PL\\_bFfkY7NTPzpPFgkoU7qt1uhcY7JQ1\\_i](https://youtube.com/playlist?list=PL_bFfkY7NTPzpPFgkoU7qt1uhcY7JQ1_i)

### #6

#### Vídeos produzidos por mim acerca da agroecologia e agricultura familiar:

Alentejo, filmei a Marcha pela água e lá recolhi estes depoimentos acerca da agricultura familiar. Estes excertos fazem parte do Vídeo documentário que fiz “Eu Nasci Aqui, eu sou de cá”- ver anexo 1

<https://e1.pcloud.link/publink/show?code=XZmqI8ZXwHwVHxyF7RCBkLfTu4nG8LO3q2V>

### #7

#### links das associações de carácter ecologista em Coimbra:

Climação Centro: <https://www.facebook.com/groups/793568100991892/about>

IRIS: <https://irisambiente.org/>

### #8

O meu primeiro Documentário, “Estrela d’África”, que acompanhou a tese de doutoramento “ Estrela d’África, um bairro sensível. Um estudo Antropológico sobre jovens na cidade da Amadora”, de Marina Manuela Antunes (2002)

<https://youtu.be/EL6ggaaeADE>

### #9

#### Coro da Achada:

<https://www.youtube.com/watch?v=fSjHpjwNIs0>

### #10

#### Links diversos

Entrevista à CNI feita em Coimbra (vídeo): <https://e1.pcloud.link/publink/show?code=XZw3FQZPXGuazXaNS8pWcsokgMivjykyVK7>

Jornal Mapa: <https://www.jornalmapa.pt/>

Site da Via Campesina:

<https://viacampesina.org/en/#>

Artigo de um partido nacional acerca das questões da Agricultura Familiar:

<https://www.pcp.pt/recomenda-ao-governo-implementacao-da-carta-da-agricultura-familiar-aprovada-no-7o-congresso-da-cna>

Mapa dos mercados (bio e não bio) em Portugal:

<https://www.reformaagraria.pt/feiras-mercados/?lat=40.09058599223148&lng=-8.38114250013602&tipo=255&morada=&zoom=11&n=5&p=1&browserN=16>

Grupos ativistas:

XR\_Portugal: <https://rebellion.global/pt/groups/pt-portugal/#groups>

Climaximo: <https://www.climaximo.pt/>

PTrevolutionTV: <https://www.facebook.com/ptrevolutiontv.live/>

RDA69: <https://rda69.net/>

Cicloficina: <https://cicloficina.pt/category/lisboa/anjos/>

## #11

### Documento de apresentação:

#### APRESENTAÇÃO DO MERCADINHO DO BOTÂNICO



O Mercadinho do Botânico surgiu do encontro de vontades entre produtores e consumidores. Os produtores forneceriam os seus produtos amigos do ambiente e os consumidores passariam a tê-los disponíveis de forma regular. Teve início no dia 22 de Maio de 2004 e realizava-se bimensalmente aos segundos e quartos sábados de cada mês. Atualmente é bissemanal e realiza em dois locais distintos da cidade de Coimbra: o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e o Mercado Municipal do Calhabé.

O Mercadinho do Botânico serve de ponto de escoamento de produtos de agricultura sustentável, incentivando o desenvolvimento da agricultura biológica na região. Permite também facilitar a procura de produtos de qualidade aos consumidores com consciência ecológica.

Em termos gerais, este mercado proporciona a troca de informação de alternativas aos produtos convencionais, aumenta a consciência ambiental dos cidadãos e contribui para o desenvolvimento de hábitos mais saudáveis e amigos do ambiente.

Estão disponíveis, sobretudo, produtos hortícolas da época provenientes de pequenas explorações agrícolas que se guiam por princípios de produção sustentável, *sensu strictu*. Propicia-se o contato direto com os produtores, de modo a minimizar o percurso dos produtos até chegarem aos consumidores, evitando tratamentos e embalagens e de modo a que o agricultor receba um preço mais justo por não recorrer a intermediários, que se reflete no preço mais acessível para o consumidor.

O Mercadinho do Botânico constitui um espaço para conhecer projetos e práticas ecológicas e para a troca de ideias sobre o desenvolvimento sustentável e sobre formas de vida em equilíbrio com a Natureza.

Com a evolução do mercadinho ao longo do tempo e as exigências atuais, decidiu-se formalizar este projeto criando a **Associação Horta Nossa do Mercadinho do Botânico**.

## #12

No Preâmbulo da Carta de Princípios da Rede Portuguesa de Agroecologia Solidária — REGENERAR podemos ler:

*“O conceito de Associações para a Manutenção da Agricultura Proximidade, conhecido por AMAP, surgiu durante os anos 60 no Japão, onde é conhecido por TEIKEI, sendo noutras regiões do mundo, também conhecido sob a designação de CSA (Community Supported Agriculture).*

*Em Portugal a primeira iniciativa de promoção e disseminação do conceito AMAP surge em 2003 com projecto Re.Ci.Pro.Co, e, mais tarde os PROVE, que acabaram por não ter os resultados esperados como rede nacional. Treze anos depois, quando assistimos a uma revalorização da agricultura nacional e do produtor agrícola, a receptividade e compreensão do público mais urbano do conceito AMAP é maior que nunca. Isso ficou muito bem demonstrado com a presença de cerca de 100 pessoas no primeiro encontro nacional das AMAP onde 36 organizações nacionais demonstraram vontade e disponibilidade para trazer definitivamente este conceito para Portugal, criando uma rede nacional por todo o território.*

*Na sequência da vontade expressa no primeiro encontro nacional de 29 de Novembro 2015, realizado em Serralves pela Associação Moving Cause, e da primeira reunião para a criação da rede nacional das AMAP, a 5 de Março 2016 em Odemira no Centro C.A.R.M.E.N., tornou-se imperativa a criação de uma carta de princípios que possa servir como documento orientador, prevendo um conjunto de princípios fundamentais para que os grupos de consumidores se possam intitular de AMAP, bem como definir de forma clara as características constitutivas de uma AMAP.*

*O conceito AMAP está fortemente assente no princípio de partilha, com o propósito de transformar a agricultura a todos os níveis, quer seja social, cultural ou ambiental. Ao mesmo tempo espera-se alterar a relação das pessoas com os alimentos, gerando novas formas de solidariedade e da concepção dos alimentos como um bem-comum. A resposta aos problemas de insegurança, desperdício e soberania alimentar, são essenciais para a resolução de alguns dos maiores problemas de sustentabilidade ambiental. Por outro lado, é imperativo preservar o papel do pequeno agricultor como guardador da paisagem, da biodiversidade e da preservação dos solos agrícolas.*

*A AMAP apresenta-se, assim, como um modelo sócio-económico alternativo ao modelo convencional de distribuição de alimentos e já comprovou a sua viabilidade com milhares de AMAP's em funcionamento em todo o mundo. Esta é uma alternativa concreta, desenvolvida pelas comunidades, servindo produtores e consumidores.”<sup>42</sup>*

---

42 <https://amap.movingcause.org/carta-de-principios/>

## #13

### O exemplo da SLUMIL K'AJXEMK'OP (Terra Insubmissa) pela Caravana Zapatista pela Vida

A Caravana Zapatista pela Vida foi um evento que trouxe à Europa, no final de 2021, numa viagem de barco e na rota inversa de descolonização da Europa por parte dos “índios”, vários delegados Zapatistas e da CNI - Comissão Nacional Indígena, do México.

No Jornal Mapa e no Guilhotina.info estão várias reportagens acerca desta viagem e das várias paragens em terras europeias, com foco na visita a diversos locais de Portugal.



Foto no Jornal Mapa nº 33, com os delegados do CNI, um deles a segurar no meu filhote, o Ari. Entrevista feita na nossa casa provisória de Coimbra em 17 de Novembro de 2021 <sup>43</sup>, quando eu já andava a pesquisar acerca da agricultura familiar, a qual transcrevemos uma parte:

---

43 Vídeo no anexo #10

*“Eliezer - [...] Cremos que este individualismo, que tanto se nota, impede de lutar, porque as lutas, para existirem, têm que ser amplas e colectivas. Seria preciso eliminarem-no, para que se defendam as terras, os territórios ameaçados, as suas águas, rios, montanhas. De contrario, os governos com as suas leis, entregam isso de mão beijada às transnacionais.*

**Fernando - Sim, trata-se de um neo colonialismo. Em Portugal conhecemos bem o problema da desertificação humana, por exemplo com as empresas de pasta de papel que alteraram grandes partes do país plantando eucaliptos para fabricar papel destinado à exportação. Contra isto levantam-se, por exemplo, os que se mobilizam em prol da regeneração dos solos através da permacultura. Que opinais sobre a importância da regeneração dos campos pela agricultura ecológica?**

**Júlio – Sobre a agricultura, aqui na Europa, há um equívoco muito grande: para os governos e para as pessoas que acreditam neles, a única agricultura válida é a industrial, porque seria a mais produtiva. Com isto ocultam o facto de a maior parte dos alimentos produzidos no mundo não resultar da agroindústria, mas sim da agricultura familiar ou de pequena escala.**

*Eliezer – Como camponês que me dedico a cultivar a terra, direi que a diferença está em sermos ou não donos das nossas próprias terras. O “ejido”, no México, é uma propriedade comunal resultante da reforma agrária fomentada pela revolução de 1910. Nós felicitamos os camponeses que produzem alimentos orgânicos, por terem tomado a decisão de criar os seus próprios alimentos e não só isso, também as suas próprias formas de se curarem, que nas nossas lutas são também uma ferramenta. Mas aqui, segundo me parece, os agricultores têm que arrendar as terras a outra pessoa, que é a proprietária legal, como acontece com os terratenentes no México.*

**Marcela -** No México estamos ameaçados pelas sementes transgénicas. Na Península do Iucatão há um grande numero de camponeses, de comunidades rurais, a quem o governador fornece programas de sementes que vêm já com o seu pacote de agroquímicos, de venenos. Estas sementes provêm em grande parte da multinacional Monsanto. Ao mesmo tempo, há populações menonitas [seita religiosa cristã de origem europeia, muito implantada nos EUA] que ali se instalaram, estabelecem convénios com o governador de Campeche, de Quintana Roo, do Iucatão, e fazem, em áreas consideráveis, grandes cultivos de milho, feijão, soja, melancia, tomate, abóbora, tudo cultivos transgénicos feitos com grande aparato de maquinarias e com equipas de trabalhadores. Tudo isto, que faz parte do mau sistema como um todo e em particular da alimentação que produz, danifica muito a água, a apicultura, os solos. Não podemos esquecer que as nossas populações rurais sofrem de muitas doenças causadas pela má alimentação, entre as quais a diabetes e a hipertensão. Por tudo isto, estamos também organizados em grupos que lutam para resgatar as nossas sementes crioulas.

**Isabel -** Como residente na Cidade do México, vejo que quase tudo o que consumimos, procedente da superprodução com agrotóxicos, contém nocividades. As doenças referidas ocorrem sobretudo nas cidades. E

*isso, os governos, juntamente com os empresários, também o têm trabalhado bem, promovendo activamente as sementes transgénicas a pretexto de que são mais produtivas, mas ocultando sempre os graves efeitos colaterais que induzem, quer nos seres humanos que na Terra Mãe. Por isso, e como medida mínima, devemos exigir a essas empresas que informem com clareza, nos rótulos, por exemplo, que substâncias se encontram nos seus produtos. É uma questão em que temos de implicar-nos mais. O que em parte já se faz com os produtos alimentícios industriais, indicando as substâncias que contêm, deve fazer-se igualmente com as sementes e com aquilo que se aplica na terra. Como em Portugal com lítio: essas essas empresas querem arrancá-lo da terra para fabricar carros eléctricos dizendo que estes não irão contaminar a atmosfera, mas não falam das partes de montanha que vão destruir, da água que vão contaminar, dos pesados custos que isso irá ter para os habitantes.*

**Eliezer** – *Ainda sobre a agricultura: a Monsanto é uma das multinacionais que declarou guerra aos povos do mundo com as suas famosas sementes transgénicas. Faz parte da sua acção predatória fazer com que percamos as nossas sementes nativas. E faz parte da nossa resistência, a par de preservarmos as nossas línguas e costumes, defender as nossas sementes e os nossos processos naturais de cultivo. Aquilo que pretendem vender-nos é uma praga conjunta, as sementes com os chamados fertilizantes.” (in Jornal Mapa nº33, pág. 5)*

**Estatutos da Associação:**

DOCUMENTO COMPLEMENTAR elaborado nos termos do artigo sessenta e quatro do Código do Notariado que faz parte integrante da escritura de Constituição de Associação, lavrada no Cartório Notarial de Vila Nova de Poiares, iniciada a folhas sessenta e seis e seguintes do livro de notas com o número Setenta e Quatro.

fl 3  
8

## Estatutos da Associação

### Capítulo I

#### **Artigo 1º**

(Natureza e Sede)

1. A Associação, sem fins lucrativos, adopta a denominação de "HORTA NOSSA DO MERCADINHO DO BOTÂNICO", a qual durará por tempo indeterminado, adiante designada por Associação.
2. A Associação tem personalidade e capacidade jurídica nos termos da lei e dos presentes Estatutos.
3. A Associação tem sede no Casal das Travessas, 3200-042 Foz de Arouce na freguesia de Foz de Arouce e Casal de Ermio, concelho de Lousã, distrito de Coimbra.

#### **Artigo 2º**

(Fins)

A Associação ter por objectivo a promoção e o desenvolvimento das Agriculturas Saudáveis e Sustentáveis, designadamente:

- a) Apoiar os agricultores/as nos modos de produção das Agriculturas Saudáveis;
- b) Apoiar os consumidores na prática de Alimentação Saudável;
- c) Apoiar, promover e realizar a comercialização dos produtos das Agriculturas Saudáveis e dos respetivos fatores de produção;
- d) Divulgar, promover e organizar os modos de produção das Agriculturas Saudáveis e Sustentáveis e os/as agricultores/as, apoiando a comercialização, designadamente em circuitos curtos;
- e) Prestar assistência técnica aos seus associados;
- f) Promover e apoiar a formação profissional e educação dos/as agricultores/as, consumidores e outros agentes envolvidos a montante e jusante da produção;
- g) Promover a investigação, o estudo e a divulgação de todas as questões técnicas e científicas respeitantes aos modos de produção e consumo das Agriculturas Saudáveis e Sustentáveis;
- h) Representar os seus associados junto das entidades públicas e privadas, de âmbito regional ou nacional, bem como em negociações com outros parceiros do setor, quer diretamente quer por intermédio de estruturas associativas do grau superior;

## Capítulo II

(Direitos e deveres dos Associados)

### **Artigo 3º**

(Dos Associados)

1. Podem ser associados da Associação as pessoas singulares e pessoas colectivas.
2. O processo de admissão de associados é de exclusiva competência da Direcção, sob proposta de candidato.
3. A qualidade de associados pode ser retirada em caso de comportamento considerado lesivo dos interesses e finalidades da Associação, procedimento que deverá ser sempre devidamente fundamentado, cabendo dele recurso para a Assembleia-geral nos termos dos presentes Estatutos.

### **Artigo 4º**

(Categoria de Associados)

Haverá três categorias de associados.

1. Fundadores - os outorgantes subscritores da escritura de constituição da associação.
2. Honorários - as pessoas singulares ou colectivas a quem a Assembleia-Geral atribua tal estatuto, através de deliberação tomada com voto favorável da maioria dos associados presentes, atendendo aos méritos técnico-científicos, bem como pela elevada colaboração dada à associação.
3. Ordinários - As pessoas singulares ou colectivas que se proponham colaborar na realização do objecto da associação e que a seu requerimento, sejam aceites pela Direcção da Associação.
4. Adquirem também a qualidade de associados fundadores as pessoas singulares ou colectivas que integrarem os primeiros órgãos associativos, bem como todos os associados que vierem a participar da primeira Assembleia-Geral efectuada pela associação.
5. Os associados honorários não estão vinculados ao pagamento de qualquer quota ou jónias de participação, e não dispõem do direito de voto na Assembleia-Geral.

### **Artigo 5º**

(Direitos e Deveres)

1. São direitos dos associados nomeadamente:
  - a) Eleger e serem eleitos para os corpos gerentes, com as especificidades do artigo 9.º n.º 1;
  - b) Participar nas actividades da Associação;
  - c) Solicitar todos os esclarecimentos sobre o funcionamento da Associação ou que lhe digam respeito;
  - d) Apresentar propostas à Direcção relativamente aos assuntos que interessem à Associação;



- 172 / 1
- e) Levar ao conhecimento do Presidente da Assembleia-geral qualquer resolução ou acto dos órgãos sociais que se lhe afigure contrário aos interesses da Associação ou ao disposto nos Estatutos ou Regulamento Interno;
- f) Usufruir dos benefícios que possam ser concedidos pela Associação nos termos da lei e dos seus Estatutos.
- g) Podem escusar-se de assumir os cargos para que foram eleitos ou designados, mediante pedido por escrito dirigido ao Presidente da Mesa da Assembleia-geral, os associados que se considerarem impossibilitados para o desempenho regular do cargo.
- fy  
E

Os membros dos Órgãos Sociais que, por motivos atendíveis, pretendem ser dispensados das suas funções devem comunicar, por escrito, a sua renúncia ao Presidente da Mesa da Assembleia-geral.

## 2. Constituem deveres dos associados:

- a) Cumprir as disposições estatutárias e o Regulamento Interno da Associação, bem como respeitar as decisões e deliberações dos seus órgãos;
- b) Desempenhar os cargos para que forem eleitos;
- c) Zelar pelo património da Associação, bem como pelo seu bom-nome e engrandecimento;
- d) Não desenvolver acções contrárias aos fins e interesses da Associação.

## Artigo 6º

(Penalidades/sanções)

1 – Os associados que violarem os deveres estabelecidos no artigo anterior ficam sujeitos às seguintes sanções:

- a) Repreensão;
- b) Suspensão até 60 dias;
- c) Demissão.

2. São demitidos os associados que por actos dolosos tenham prejudicado materialmente a associação.

3. As sanções previstas nas alíneas a) e b) do número um são da competência da Direcção.

4. A demissão é sanção exclusiva da Assembleia-Geral, sob proposta da Direcção.

5. As sanções previstas nas alíneas a) e b) do número 1 só se efectivarão mediante audiência obrigatória do associado.

## CAPÍTULO III

### Artigo 7º

(Órgãos)

1. São órgãos da Associação:

- a) Assembleia-geral;
  - b) Direcção;
  - c) Conselho Fiscal.
2. O mandato dos titulares dos órgãos sociais é de 3 anos.

#### Artigo 8º

##### (Assembleia-Geral)

1. A Assembleia é o órgão deliberativo superior da Associação e é constituído por todos os associados no pleno gozo dos seus direitos. As deliberações da Assembleia-Geral são vinculativas para os demais órgãos da associação.
2. A Assembleia-geral reúne ordinariamente uma vez por ano e extraordinariamente por convocação por um quinto de todos os associados.
3. A Assembleia será presidida por uma mesa composta por três associados com as funções de Presidente, 1.º Secretário e 2.º Secretário.
4. O mandato dos membros eleitos pela Assembleia-geral inicia-se com a tomada de posse perante o Presidente da Mesa da Assembleia cessante.

Caso o Presidente cessante da Mesa da Assembleia ou o seu substituto não confirmem posse nos trinta dias imediatos à sua eleição, os membros eleitos pela Assembleia-Geral estarão automaticamente em exercício de funções, independentemente da tomada de posse, salvo se houver impugnação judicial do acto eleitoral.

##### 5. Compete à Assembleia-geral:

- a) Alterar e reformar os Estatutos;
- b) Aprovar e alterar o Regulamento Interno;
- c) Definir as grandes linhas de actuação da Associação;
- d) Apreciar e votar o Relatório e Contas de Gerência;
- e) Eleger e destituir os membros dos órgãos da Associação;
- f) Retirar a qualidade aos associados, quando tal seja justificável mediante proposta da Direcção;
- g) Deliberar sobre a dissolução, cisão ou fusão da Associação;
- h) Deliberar sobre outro assunto para que tenha sido convocada ou sobre os recursos apresentados pelos associados.

6. a) As convocatórias para as reuniões da Assembleia-Geral deverão ser feitas pelo presidente da mesa por meio de aviso postal dirigido a todos os membros associados e afixada na sede, com a antecedência mínima de oito dias, na qual se indicará a data, hora e local da reunião, bem como a respectiva ordem de trabalhos.



112 C-Sao  
per  
&

b). Nas reuniões a que se refere o número anterior não poderão ser tomadas deliberações sobre matérias estranhas à ordem de trabalhos, salvo se todos os associados, com direito a voto, comparecerem e concordarem com as alterações propostas.

#### Artigo 9º

(Direcção)

1. A Direcção é o órgão executivo da Associação, constituído por três elementos assim distribuídos: Presidente, Tesoureiro e Secretário. A presidência terá de ser assumido por um/a agricultor/a e os outros dois cargos terão de ser assumido por um/a consumidor/a e um/a agricultor/a.

2. Compete à Direcção:

- a) Propor e executar o Plano Anual de actividades e o Orçamento;
  - b) Elaborar anualmente e submeter ao Conselho Fiscal o Relatório e Contas de Gerência;
  - c) Aprovar ou rejeitar a admissão de associados;
  - d) Exercer o poder disciplinar;
  - e) Apresentar propostas à Assembleia-geral;
  - f) Aceitar subsídios, doações, patrocínios, heranças ou legados compatíveis com a natureza da Associação;
  - g) Representar a Associação em juízo ou fora dele na pessoa do seu Presidente ou em quem a Direcção deliberar;
  - h) Exercer as demais competências que a Assembleia nela delegar.
  - i) Garantir a efectivação dos direitos dos associados;
  - j) Nomear comissões técnicas ou de qualquer outra natureza que julgue necessários para o bom desempenho das suas funções;
  - l) Assegurar o funcionamento da Associação, gerir os seus meios humanos e materiais, e proceder à escrituração nos termos da lei;
  - m) Autorizar a utilização das instalações da Associação por entidades estranhas, a título oneroso ou gratuito.
3. A associação fica obrigada com **as assinaturas conjuntas de quaisquer dois membros da Direcção**, salvo quanto aos actos de mero expediente nos quais bastará a assinatura de qualquer membro da Direcção.
4. Das deliberações da Direcção cabe recurso para a Mesa da Assembleia-Geral.

#### Artigo 10º

(Conselho Fiscal)

1. O Conselho Fiscal é composto por três elementos, sendo um Presidente, um Vice-Presidente e um Secretário.
2. Compete ao Conselho Fiscal vigiar pelo cumprimento da lei e Estatutos designadamente:

- a) Elaborar Parecer Anual sobre o Relatório e Contas apresentado pela Direcção;
- b) Participar ou fazer-se representar por um dos seus membros nas reuniões da Direcção, sempre que o julgue conveniente;
- c) Solicitar à Direcção todas as informações consideradas úteis e adequadas ao seu normal funcionamento;
- d) Exercer fiscalização sobre escrituração e documentos da Associação sempre que o julgue conveniente.

#### **CAPÍTULO IV**

##### **Artigo 11º**

(Receitas e despesas)

- 1. Constituem receitas da Associação:
  - a) Subsídios de entidades públicas ou privadas;
  - b) Receita da venda de produtos.
  - c) Quotas a determinar no Regulamento Interno;
  - d) Quaisquer outras receitas que lhe sejam atribuídas;
  - e) Doações, legados, heranças e respectivos rendimentos e patrocínios;
  - f) Receitas de iniciativas realizadas e prestação de serviços.
- 2. Constituem despesas da Associação as provenientes:
  - a) Da concessão aos associados dos benefícios que decorram dos Estatutos ou Regulamento Interno;
  - b) Da administração geral da Associação;
  - c) Do cumprimento de quaisquer obrigações resultantes de deliberações da Assembleia-geral.

##### **Artigo 12º**

(Requisitos das Deliberações)

- 1. A Direcção e o Conselho Fiscal só podem deliberar com a presença da maioria dos seus titulares e as deliberações são tomadas pela maioria de votos de titulares presentes.
- 2. A Assembleia-Geral não pode deliberar, em primeira convocação, sem a presença de metade, pelos menos, dos seus associados.
- 3. Não se verificando as condições do número anterior, a Assembleia-Geral reunirá em segunda convocatória, meia hora após a hora marcada com qualquer número de associados.
- 4. As deliberações da Assembleia-Geral são por maioria absoluta de votos dos associados presentes, excepto para as alterações estatutárias em que é exigível maioria qualificada de três quartos dos associados presentes e para a deliberação sobre a dissolução da associação que exige maioria qualificada de três quartos de todos os associados.
- 5. Os titulares dos órgãos deverão pedir dispensa de intervir no procedimento, quando ocorra circunstância pela qual possa razoavelmente suspeitar-se da sua isenção ou da rectidão da sua conduta.

174

**Artigo 13º**

(Incompatibilidade)

Os membros de um órgão não podem exercer funções em qualquer outro órgão da Associação.

fl 6  
E

**Artigo 15º**

(Normas subsidiárias)

Nos casos omissos serão aplicáveis as normas legais existentes relativas às associações sem fins lucrativo e o Regulamento Interno..

Luís Roberto  
C. Amos Roque Santos

**Código Qr com o link para o documentário produzido (ler com smartphone)**



**Link para o Documentário, disponível também no youtube:**

<https://youtu.be/CO7TOt4fDEA>

